«Alcipe» e a relação entre o Classicismo e o nascente Romantismo no "Tratado da Velhice"

Nuno Simão Ferreira*

Resumo

O "Tratado da Velhice" é um manuscrito até hoje inédito, existente no Arquivo Nacional Torre do Tombo e patente no respectivo Arquivo Particular Casa de Fronteira, referente ao espólio da 4ª Marquesa de Alorna. O "Tratado da Velhice" terá sido escrito pela própria «Alcipe» muito perto do fim da sua vida. O texto original do "Tratado da Velhice" é contínuo, não se encontra dividido em partes e/ou com títulos. Realçamos que o "Tratado da Velhice" se trata de um extenso monólogo deveras interessante que «Alcipe» / 4ª Marquesa de Alorna destinou-o a uma filha sua. Não existe aqui um vivo debate de ideias, mas a nosso ver isto é intencional uma vez que este ensaio de cariz filosófico é redigido de modo a explanar com clareza e objectividade o tema da velhice em termos de género. «Alcipe» aborda neste seu ensaio a essência, os direitos e deveres da velhice. A referência e o perfilhar do pensamento de Cícero denota que «Alcipe» comunga do universo da cultura clássica que constituía a base da erudição da elite culta do século XVIII e XIX. A referência e o perfilhar das ideias de Montaigne prende-se a nosso ver com o facto de nos anos setenta, Leonor sentir-se fascinada pelos enciclopedistas, lia livros proibidos e parece não ter sempre em conta os perigos que corria com o seu comportamento. Tirse (Dona Teresa de Mello Breyner, condessa do Vimieiro) afligia-se com as leituras da amiga, «Alcipe», com a divulgação abusiva dos seus poemas e mesmo com os seus estudos. Em primeiro lugar, temia a circulação indevida dos seus poemas. Em segundo lugar, Tirse ficava preocupada com o facto de Leonor estudar inglês e aconselhava-a a dedicar-se também ao latim para criar uma espécie de equilíbrio. Tirse tinha a noção ou partia do pressuposto da época, que os conhecimentos e as competências de uma mulher dever-se-iam manter em segredo tal como as suas produções escritas.

Palavras-chave: Tratado da Velhice, Alcipe, Tirse, Classicismo, Iluminismo e Pré-Romantismo

* Investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa, Doutorando em História Contemporânea pela Faculdade de Letras de Lisboa e Professor profissionalizado de História do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário. É, ainda, membro externo do grupo de investigação "Direitas, Memória e História" da Universidade Federal de Juiz de Fora do Estado de Minas Gerais (Brasil).

"Tanto eu como minha mulher nos admirávamos de minha Avó ter sido perseguida, no princípio do século, pelas suas opiniões políticas. Ninguém melhor do que ela compreendia o progresso literário do século, e as suas produções literárias o provam, mas o progresso político nunca o compreendeu ou não quis compreender" [1]

1 MASCARENHAS, D. José Trazimundo, *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto ditadas por ele próprio em 1861*, Parte VI (1834 a 1842), p. 263.

O ensaio, *Tratado da Velhice*, de cariz filosófico foi redigido de modo a explanar com clareza e objectividade, o tema da velhice em termos de implicações e de consequências para os géneros masculino e feminino. «Alcipe» aborda neste seu ensaio a essência, os direitos e deveres presentes na velhice.

«Alcipe» num discurso mesclado de grande erudição, de sapiência da essência da vida humana e de lógica racional dissertou acerca da velhice no que toca aos deveres:

"[...] examinemos os deveres da velhice, o respeito e a decência que se deve aquela idade e conheçamos também as vantagens que delas se podem tirar para gozarmos. A vida não consiste no espaço do tempo, mas no uso que dela se sabe fazer. É preciso fazer-se um plano, e segui-lo com firmeza: porque enfim, mudar de projecto e de conduta, é retalhar a nossa vida, nós abreviamo-la pela nossa ligeireza e entendêmo-la com a nossa conduta uniforme. [...] Nós chegamos a cada idade da vida sem saber gozar, nem conduzir-nos nela; quando ela passou, então vimos o uso que dela poderíamos fazer; mas como as saudades são [?...], no caso que elas nos não corrigem, tratamos de aproveitar do tempo que nos resta. Ajudo-me com as minhas reflexões e como me vou chegando para aquele tempo em que tudo nos escapa, quero tornar a achar na minha razão o valor das coisas que perco. [...] Nós temos em envelhecendo os males comuns à humanidade. Os males do corpo e do espírito são a consequência de uma certa idade: a velhice, diz Montaigne, põem mais carquilhas (?) no espírito que no rosto. As paixões esperam-nos na carreira da vida, e parece que são toques onde necessariamente se há-de entrar. Das paixões ardentes, diz Montaigne, passamos às geladas para sentimentos tristes acompanham a velhice: e secam nos nossos corações a origem da alegria, e dos prazeres ela enfastia que do presente, e teme o futuro: faz insensível a tudo excepto a dor. [...] Vós deveis ao mundo os deveres da decência; mas vós deveis sentimentos permitidos e inocentes ao amor da vossa dignidade: porque é preciso viver respeitosamente consigo, e precisa também para o vosso próprio descanso; mas deve-se assentar que há sentimentos que o divórcio custa à alma; vós não conheceis o seu preço, e vós não sabeis fazer uso dele senão quando preciso abandonar. Nenhuma idade mais adiantada o gosto vem a ser mais delicado sobre o que o fere, e mais superlativo sobre o que lhe agrada. [...] Deve-se com docilidade submeter-se as aflições da sua idade e

seu estado: a natureza faz uma espécie de tratado com os homens, não lhe dá a vida senão debaixo de condições não do nada de propriedade e o que faz é emprestar. Não precisa revoltar-se contra as consequências naturais da humanidade. Perguntava-se a um Filósofo que tinha cento e sete anos se ele não achava a vida sensabor?. Não tenho que me queixar da minha velhice, respondia-a, porque não abusei da minha mocidade. [...] Um dos deveres da velhice é de fazer uso do tempo: quanto menos nos falta mais pressiono nos deveres. O tempo dos cristãos, é o preço da Eternidade; e sem o empregar a correr atrás de ciências vãs e superiores a nós tiremos partido da nossa situação e conheçamos uma vez a aliança do nosso engenho"[2].

Mas, de modo muito perspicaz «Alcipe» não virava as costas à velhice, não ficando somente num pranto eterno de lamentações da mocidade perdida, de sofrimento e de sentimento de perda progressiva de tudo (sobretudo da beleza) e das faculdades que lhe diziam respeito, mas antes conseguia antever vantagens importantes para o ser humano, ora vejamos o que a poetisa assinala acerca da temática do envelhecimento:

"[...] temos em nós mesmos com que gozar; mas não temos com que conhecer. Temos luzes próprias e necessárias para o que nos convém; mas nós não queremos ficar aí, corramos atrás da verdade, que não são feitas para nós. Mas antes que nos obrigar a fazer buscas superiores ao nosso alcance. [...] A Velhice livra-nos também da tirania das paixões e provam-nos que é um grande gosto que saber possa sem elas e um grande deleite que sentir-se superiores a ela e gastar conforme ao estado presente. Na mocidade fazem-se uma ideia da velhice: são cuidados que nós nos damos não é a natureza que os dá porque tememos no estado em que estamos, as paixões do estado em que não estamos"[3].

Em termos de igualdade de género patente no texto do *Tratado da Velhice*, conseguimos detectar duas situações, uma que se reporta à questão do medo em ficar idosa, embora com prejuízo evidente para as mulheres; e, outra se prende com o facto de que para a velhice ter algum sentido deveria estar associada à devoção e à religião católica (no caso de «Alcipe») de modo a reconfortar o espírito humano nesta sua última etapa de vida terrena.

2 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..

3 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..

"Todos temem a velhice: considera-se como uma idade entregue à dor e à tristeza, onde todos os gostos e prazeres desaparecem. Cada qual perde à medida que se adianta na idade e as mulheres ainda mais que os homens. Com todo o seu merecimento consiste em atractivos anteriores, é que o tempo os destrói; elas se acham absolutamente sem nada: porque as poucas mulheres a quem o merecimento dure mais que a beleza. Vamos ver senão é possível de os suprir; e como não há bem nenhum por mais pequeno que seja que não valha algumas coisas nas mãos de uma pessoa hábil, aproveitemos do tempo da velhice e cuidemos em fazer uso dele para a nossa perfeição e nossa felicidade"[4].

Pensamos que seja oportuno tecer algumas considerações relevantes acerca do universo mental e do contexto de vida de «Alcipe» de modo a explicitar o objecto de estudo em termos de um contexto histórico mais ou menos alargado, uma vez que desconhecemos a data do *Tratado da Velhice*.

Acerca da "personalidade" e do perfil psicológico de «Alcipe», transcrevemos uma interessantíssima consideração que visa enaltecê-la na sua singularidade:

"as desilusões dos homens e os tormentos dos tribunais não logram secar-lhe no peito as fontes da piedade e afecto humano. «Mãe de Cacilhas» lhe chamam os pobres, os enfermos e os encarcerados da outra banda do Tejo. Mãe dos infelizes lhe chamam quantos desventurados batem ao ferrolho do seu palácio de Benfica e da sua quinta de Almeirim"[5].

A vertente mental da actividade literária de «Alcipe» oscila entre o cesarismo apostólico, aliado do classicismo greco-latino e o democratismo laico, oriundo da Reforma e do Enciclopedismo:

"prisioneira, não noviça, menos professa, do mosteiro de Chelas, ela surge na vida à hora em que se defrontam, ameaçadores, dois mundos antagónicos – o do cesarismo apostólico, aliado do classicismo greco-latino, e o do democratismo laico, alimentado ao seio da Reforma e da Enciclopédia, a anunciar o advento do Romantismo, vergôntea germano-saxónica enxertada na tradição medieval. E nada como a correspondência

4 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..
5 COSTA, Sousa, *A Mulher no Amor, Beleza, na Arte, na Religião, na Política*, p. 360.

germano-saxónica enxertada na tradição medieval. E nada como a correspondência epistolográfica de Alcipe define a sua posição, a posição da Safo lusitana, - assim a designam os amigos clássicos – a posição da Stael portuguesa – assim lhe chamam os amigos modernistas – no plano dois mundos em guerra sem quartel. Colocada entre o cesarismo e o classicismo dos maiores, que sob os cânones próprios a baptizam e educam, as suas cartas afirmam que nem as grades do mosteiro logram cotar-lhe o vôo para os horizontes incertos donde vem o alvor dos cânones novos. [...] Escreve sonetos e odes. Traduz poetas ingleses e alemães. Dá o alerta da era que rompe, nos horizontes brumosos – a estufa das flores artificiais do arcadismo greco-latino a cair na penumbra do sol posto, o horto das flores naturais da idade nova, regadas com as águas vivas soltas das nascentes da Idade Média, a doirar-se do sol que nasce"[6].

1. Notas Ideo-Biográficas de «Alcipe» (1750-1839)

Dona Leonor de Almeida Portugal nasceu em Lisboa, a 31 de Outubro de 1750 e era a primeira filha de D. João Almeida Portugal (homem culto, 2º Marquês de Alorna e 4º Conde de Assumar) e de Dona Leonor de Lorena e Távora[7]. «Alcipe» via no pai o mestre que mais admirava, seria o professor a quem mais procurava impressionar, em síntese, o seu verdadeiro interlocutor. «Alcipe» neta dos Marqueses de Távora, supliciados publicamente em 1759 por suspeitas de envolvimento no atentado ao rei D. José, ocorrido a 3 de Setembro de 1758.

A sua família, pais, irmã e irmão foram perseguidos e aprisionados por ordens do Marquês de Pombal, então Primeiro-ministro do Rei D. José. De facto, D. João Almeida Portugal foi acusado de ter emprestado uma espingarda caçadeira a um dos conjurados contra o hipotético senão forjado atentado contra o Rei de Portugal. Foi preso a 13 de Dezembro de 1758 na Torre de Belém, tendo sido posteriormente transferido para o Forte da Junqueira. Enclausuraram-lhe a mulher, que enlouqueceria e as filhas: Dona Leonor de 8 anos e

6 COSTA, Sousa, *A Mulher no Amor, Beleza, na Arte, na Religião, na Política*, pp. 353 e 360.

7 *Marquesa de Alorna, Poesias*; ANASTÁCIO, Vanda, *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*; ANASTÁCIO, Vanda, "Biografia de Alcipe", http://www.fronteira-alorna.pt/pdf/biografia_alcipe.pdf. Uma versão anterior deste texto foi publicada em *Dicionário no Feminino*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, pp. 503-506.

D. Maria de 6 anos de idade no convento de S. Félix, em Chelas, a 14 de Dezembro. Ao filho, D. Pedro Almeida Portugal, foi possível seguir os estudos em Coimbra, o que lhe habilitou para uma carreira de armas.

Durante dezoito anos estiveram os Alornas privados da liberdade, só a morte de D. José, ocorrida em 1777 e subsequente afastamento, queda em desgraça de Pombal, permitiu que a liberdade lhes fosse restituída.

Por insistência de D. João de Almeida Portugal, que exigiu a revisão do seu envolvimento no processo dos Távoras, pouco depois de ter subido ao trono Dona Maria I, a Rainha faria publicar posteriormente o decreto de 17 de Maio de 1777, declarando inocentes os Marqueses de Alorna e restituindo-lhes os privilégios entretanto abolidos.

Na sua reclusão do convento de Chelas, passando a primeira quadra da sua vida, em companhia da sua mãe e da sua irmã, entregou-se a profundos estudos, à composição de melodiosas poesias, que alcançaram grande fama e que figuraram depois nas suas obras completas com o título de *Poesias de Chelas*. Francisco Manuel do Nascimento, com o nome *Filinto Elísio*[8] e na companhia de alguns dos seus amigos poetas, começou a ir ao convento de Chelas, recitando versos, pedindo motes às freiras, esperando que nessas ocasiões encontrar Leonor de Almeida Portugal e ouvi-la através da grade. Com efeito a jovem poetisa apareceu, brilhou e confundiu os admiradores pelo seu talento. Data destes encontros o nome de «Alcipe», com que eles a celebraram[9].

As leituras do período de Chelas (1758 a 1777) foram: Rousseau, Gray e Young. O mestre da sua juventude foi o Padre Francisco Manuel do Nascimento, que imbuído de ideais enciclopedistas e liberais, foi perseguido pelo Santo Ofício e viu-se forçado a exilar-se em Paris, onde viria a falecer.

Gray contagiara «Alcipe» pela sua humaníssima melancolia. Edward Young (1681-1765) transplantou as infelicidades da sua vida para os célebres poemas conhecidos mundialmente por *Noites de Young*. O sentimentalismo e a melancolia dos seus versos haviam de tocar a sensibilidade de muitos corações.

8 *Filinto Elísio* é o nome arcádico que «Alcipe» atribuiu ao seu mestre de juventude, o Padre Francisco Manuel do Nascimento. Traduziu obras clássicas e pré-românticas de autores franceses e deixou vasta produção poética original, em Versos de *Filinto Elísio* de 1798. Sobretudo pelos temas que tratou aproximou-se bastante do Pré-Romantismo: ideias políticas liberais, sentimentos íntimos (a saudade, a tristeza, a solidão, a esperança de regressar à Pátria primeiro e depois o desespero de regressar), apreciações literárias e amargura de determinados episódios vividos.
9 *Marquesa de Alorna, Poesias*.

«Alcipe» nos anos destinados ao convento tinha com a sua irmã aulas alternadas de Latim e de Árabe. Conhecia poetas como Corneille e Racine que lhe conferiram uma lição acerca do calmo conformismo; outros robusteceram-lhe os hábitos mentais do passado como Bossuet, Pascal, Bourdaloue e Fénelon. Mas, na galeria das suas preferências está ao lado de Horácio (mestre de todos os Árcades, que *Filinto Elísio* lhe ensinara a amar), o inglês Young cujos *Night-Thougts* circulavam na tradução francesa de Le Tourneur, dando a volta à Europa culta.

Consta que «Alcipe» era de carácter afável, sabia amenizar com a sua meiguice e candura filial as amarguras da sua pobre mãe e tornara-se muito querida pela sua amabilidade diante de todas as religiosas do convento[10].

«Alcipe» lia para além do já assinalado Rousseau, d'Alembert conhecendo pelo menos o "Discours Préliminaire" da *Encyclopédie*; o Marquês d'Argens que formulou o conceito revolucionário em tempos de docilidade perante a autoridade; Voltaire que apaixonou-a pelo seu espírito reformador e de novidade; Locke, por estimular a reflexões sobre Educação bem como sobre a autoridade do poder.

Defendia Newton porque a sua indagação lhe revelava as maravilhas da criação divina. Defender a Física que ele considerava como um meio para estabelecer uma nova religião ou uma total transformação do Cristianismo, fez com que «Alcipe» julgasse as teses de Newton compatíveis com as suas convicções religiosas.

Lia textos de filósofos racionalistas como Wolf, Condillac, Verney, Padre Teodoro de Almeida e Buffon. Aprendeu Alemão, Inglês, Italiano e Francês. Passou a ler Goethe, Burger e Wieland.

Interessavam, ainda, a «Alcipe» questões de política na qualidade de ela própria ter sido uma vítima de abuso do poder, por via do Marquês de Pombal. Neste aspecto, «Alcipe» inscrevia-se numa das características essenciais da psicologia do romântico, que é a defesa da liberdade política ser incompatível com qualquer espécie de tirania, se preciso fosse gritaria contra os tiranos e promoveria revoluções.

A par dos seus trabalhos artísticos e literários, Leonor entregava-se também à pintura, dispunha ainda de tempo para ajudar no serviço da enfermaria, do refeitório e de organista do convento.

10 *Marquesa de Alorna, Poesias.*

A 24 de Fevereiro de 1777, fechava-se o sepulcro do rei D. José e «Alcipe» viu abrir-se-lhe simultaneamente a porta da liberdade dos longos dezoito anos de clausura. Libertada, tal como a sua restante família, na sequência do perdão concedido por D. Maria I aos presos políticos, «Alcipe» frequentaria durante algum tempo, os círculos literários de então.

Quando D. João Almeida Portugal, 2º marquês de Alorna, saiu da prisão, dirigiu-se ao convento, onde na grade o esperavam a sua mulher e as suas duas filhas, acompanhado de parentes e de mais pessoas para as cumprimentarem. O marquês e sua família foram viver para a quinta de Vale de Nabais, que possuíam nas proximidades de Almeirim.

Dona Leonor Almeida Portugal era o encanto e o enlevo da sociedade da época. O seu talento, o prestígio do infortúnio que sofrera, a audácia de se ter afrontado contra as iras do marquês de Pombal, tornaram-na digna da maior consideração e respeito. Casar-se-ia com um fidalgo alemão e viajou por vários países da Europa, sendo conhecida como poetisa, e pelos seus trabalhos de pintura. "O palácio do Marquês de Alorna recebia nobremente nacionais e estrangeiros. Entre estes foi ali apresentado um militar Alemão, o Conde de Oeynhausen, primo e ajudante do recém-chegado Conde de Lippe. O moço Conde viu diante de si uma jovem senhora, com uns cabelos, que se tinham metido medo ao Arcebispo, não metiam nenhum aos ajudantes do Austríaco Marechal, com uns olhos brilhantes que pareciam falar, elegante, seio tão arrebatador como indiscreto, com a nobre distinção que era tão sua, falando seis línguas, tocando, cantando, poetando, perfumando graciosa o lar de seus pais. O pobre Conde caiu-lhe aos pés, e jurou-lhe que para a esposar tudo abandonaria por ela, até a própria Religião, como efectivamente abandonou, fazendo-se católico"[11].

Em 1778, «Alcipe» decidiu casar-se contra a vontade de seu pai, com o conde de Oeynhausen (1739-1793), alemão, luterano e de situação financeira pouco próspera, que renegaria a sua fé numa cerimónia pública de baptismo realizada a 15 de Fevereiro de 1778, na qual foram padrinhos a rainha D. Maria I e o rei D. Pedro III.

Em Fevereiro de 1779 «Alcipe» casava-se com o jovem oficial conde de Oeynhausen. «Alcipe» mudou-se para o Porto, onde o marido fora chamado para desempenhar um cargo militar até 1780. Graças à interferência da poetisa

11 COSTA, Dom António da, *A Mulher em Portugal*, pp. 233 3 234.

junto da Rainha, Oeynhausen seria nomeado Ministro Plenipotenciário em Viena, cidade para onde o casal se mudaria ainda no decurso do ano de 1779.

Tanto quanto se sabe, «Alcipe» e Oeynhausen foram uma presença notada na Corte de Viena, onde estabeleceram relações de cordialidade com o Imperador José II, que a condecorou, com o Papa Pio VI que visitou a cidade nesse período, com Pietro Metastasio, com o filósofo Moses Mendelsohn e com o músico português Abade Costa.

A correspondência trocada com a condessa do Vimieiro documenta-nos o encontro de «Alcipe» com Luísa Todi bem como a frequência dos salões vienenses e a amizade com a condessa Maria Wilhelmine de Uhfeld, condessa de Thun-Hohenstein (1744-1800)[12].

A sua integração nos círculos da alta aristocracia de Viena é-nos confirmada pelo facto de o nome do seu marido figurar na lista dos subscritores dos concertos aí realizados por Wolfgang Amadeus Mozart, em 1784.

Apesar da sua integração na vida social e do interesse que a autora manifestou pela língua e pela literatura alemãs, a permanência de «Alcipe» em Viena foi relativamente curta. Com efeito, D. Leonor saiu de Viena nos finais de 1784 para se estabelecer, em Outubro do mesmo ano, em Avinhão. A família Oeynhausen permaneceria cerca de seis anos no Sul de França. Mas sabe-se que em 1787 e 1788 «Alcipe» passou longas temporadas em Lisboa sem o marido, durante as quais, para além de frequentar os salões da condessa do Vimieiro, procurou mover influências a favor do conde de Oeynhausen. Após o regresso a Portugal, em 1790, foi atribuído ao conde de Oeynhausen o cargo de governador militar do Algarve, posição que não chegou a exercer, por falecer a 3 de Março de 1793.

Em 1793 morria o marido, com 53 anos de idade e deixava «Alcipe» viúva com 43 anos de idade e cinco filhos. Nesses anos de Almeirim e de Almada, onde existiam as propriedades da família, rodeou-se de crianças, dos seus próprios filhos e de filhos alheios, primando pela dedicação da educação dos filhos, pela beneficência e pela instrução das moças da região[13].

12 EHRHARDT, Marion, "As relações germânicas da Marquesa de Alorna"; CASTRO, Aníbal Pinto de, PEREIRA, José Esteves, DELILLE, Maria Manuela e ALMEIDA, Teresa de Sousa de, *Alcipe e as Luzes*, p. 258.
13 *Marquesa de Alorna, Poesias.*

«Alcipe» tornou-se, assim, muito estimada por todos, através dos grandes benefícios que dispensava constantemente aos carenciados locais, pagando a uma mestra para ensinar as raparigas, tanto daquela vila como das povoações vizinhas, a ler, escrever, coser, e outras prendas próprias do seu género feminino. Essa propensão do género feminino é-nos sistematizada por Cristina C. Vieira e Heloísa Perista, afirmando que *"a maior longevidade das mulheres associada à sua maior autonomia ao nível da domesticidade são fatores que lhes permitem viver sozinhas mais tempo, [...], e que ainda as tornam as principais cuidadoras informais na família, entrincheiradas entre as gerações de filhos/as (e de netos/as) e as de progenitores/as idosos/as"*[14].

«Alcipe» entregou-se, ainda, em Almeirim a versejar e a traduzir do inglês Thomson em *A Primavera e Solidões* e o alemão Cronegk. Thomson deu o grito de partida para uma interpretação subjectiva da Natureza. «Alcipe» discutia com Muller a riqueza da língua portuguesa comparada com a da alemã. Traduziu parcialmente o poema "Oberon" do alemão Wieland[15], para provar a superioridade do idioma de Camões.

Cultivou o soneto com grande esmero. Na sua vasta produção poética (*Obras Poéticas*, 6 volumes, 1844) vislumbra-se uma evolução nítida: do arcadismo filintista da mocidade passou por uma fase de meditações filosóficas ao estilo de Thompson até ao Pré-Romantismo. Existe, com efeito, nas poesias de «Alcipe» muito subjectivismo, o culto do "Eu", a predilecção vincada pelos ambientes sentimentais, a expressão premente e incontida da ânsia de liberdade.

No entanto, a amizade literária com D. Catarina Micaela de Lencastre, 1ª viscondessa de Balsemão (1749-1824), que as suas obras documentam, parece estreitar-se nesta época e, entre os anos de 1793 e de 1802,

1 – Leonor de Almeida Portugal, 4ª Marquesa de Alorna, por Franz Joseph Pitzschmann, Viena, c. 1780, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna (foto: Wikimedia Commons)

14 VIEIRA, Cristina C. e PERISTA, Heloísa, "Introdução. Para uma compreensão genderizada do processo de envelhecimento", p. 9.
15 Wieland (1733-1813) nutria um escárnio e independência semelhantes aos de Voltaire, o que agradaria significativamente «Alcipe».

manteve relações de intercâmbio literário com alguns poetas da Academia de Belas Letras (associação que também ficou conhecida pela designação de Nova Arcádia), como Francisco Joaquim Bingre e outros.

É datável do mesmo período o relacionamento com Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), comprovado não só pela troca de poemas entre ambos, mas também, pelo facto de o nome da condessa de Oeynhausen figurar entre os subscritores do segundo tomo das suas *Rimas* em 1799 e de Bocage lhe ter dedicado o terceiro tomo das mesmas, impresso em 1804[16].

Nestes primeiros anos da sua viuvez, «Alcipe» parece ter gozado de algum favor junto da Corte, apesar de D. Maria I estar já, nessa data, afastada do poder. Com efeito, em 1801, por alvará de 9 de Novembro, foi nomeada Dama de Honor de Dona Carlota Joaquina. No ano seguinte «Alcipe» foi formalmente convidada a sugerir os temas que presidiram à decoração do Palácio da Ajuda.

Quando começaram as desinteligências no Paço Real entre o Príncipe-Regente D. João e a Princesa Dona Carlota Joaquina, «Alcipe» interveio nelas na qualidade de simpática medianeira, de promotora da paz entre o casal e, obviamente, de Dama de Honor de Dona Carlota Joaquina.

«Alcipe» vivia também rodeada de literatos como era seu apanágio e contava-se que Filinto Elísio e ela própria alimentavam uma tertúlia literária, a Sociedade da Rosa ou a Maçonaria Branca. Sociedade essa em que *"a Marquesa de Alorna, elevando as suas salas à categoria de um centro literário, recebia também as poetisas"*[17], mas não escapava ao intendente-geral de polícia, Pina Manique.

Tal nos é sugestivamente explicitado por Hernâni Cidade *"[...] mas como para muito mais encontrava aptidões, tendências, fervores no seu bulício interior, ei-la organizando entre os frequentadores e frequentadoras das suas salas uma espécie de maçonaria branca – a Sociedade da Rosa [...]. Certíssima para criada para servir o Trono e o Altar, quis envolvê-la do prestígio e garantir-lhe a fascinação que o mistério infalivelmente lhe daria – e Pina Manique, tão zeloso como desconfiado, não se demorou a intervir, com vivaz aparato de forças militares e policiais [...] por intermédio de seu neto, D. José Trazimundo, que conta o caso nas suas Memórias (I). Sabemos que o Intendente lhe revistou a casa que habitava à Boa-Morte, apreendeu papéis, que não seriam apenas*

16 CIDADE, Hernâni, "Prefácio", in *Marquesa de Alorna, Poesias*.
17 COSTA, Dom António da, *A Mulher em Portugal*, p. 241.

versos, e mandou para a Polícia, para ser examinada, uma máquina que decerto lhe teria causado pavor ainda mais vivo do que a policial curiosidade desperta, tanto mais que o espírito irónico da condessa logo aproveitou o ensejo para seu desforço, pela troça"[18].

Verificou-se na Intendência que o pretenso temível engenho de guerra da Sociedade da Rosa não passava de uma tripeça inglesa com as suas duas bombas. Este engano e/ou desaire do Intendente não impediu que se cumprisse a ordem de exílio a «Alcipe», tendo sido intimada pelo próprio Intendente-Geral da Polícia a abandonar o País, a 6 de Outubro de 1802.

«Alcipe» passou os anos de 1803 a 1814 no exílio forçado, primeiro em Espanha (até 1804) e, depois em Inglaterra, ao que parece envolvida em actividades de carácter político de teor anti-napoleónico. De facto, «Alcipe», que na clausura do convento de Chelas e enquanto vítima dos excessos do poder absoluto, parecera aderir ao filosofismo revolucionário, sentia agora perante as ameaças napoleónicas a fervorosa revivescência do seu tradicionalismo religioso e patriótico. Fez diligências tendentes ao sucesso da sua missão secreta junto das Cortes europeias, no intuito de convencer o Príncipe-Regente D. João de modo a aproveitar os seus préstimos para que os dois generais vendeanos[19] que albergou em sua casa encontrassem entre nós os socorros que pediam para restaurar em França o trono fidelíssimo.

Foi em Inglaterra que «Alcipe» se relacionou com Madame de Stael. Eis a apreciação de Karen Offen acerca da Madame de Stael, *"c'est l'intrépide Madame de Stael, championne de la liberté, ennemie jurée de Napoléon, et indubitablement la femme la plus célèbre de toute l'Europe au début du XIXème siècle, qui brandit avec vigueur le drapeau féministe durant les années où Napoleón et ses armées étaient embarqués dans la conquête de l'Europe. [...] Le débat sur la question des femmes, les problèmes rencontrés par une femme de génie au sein d'une société répressive, la difficulté de combiner amour et accomplissement, tout cela se trouve à la fois dans sa vie et dans son ouvre,*

18 CIDADE, Hernâni, "Prefácio", in *Marquesa de Alorna, Poesias*, pp. XXXIII e XXXV.

19 Um deles era um jovem general francês de nome Forestier, de quem se julga que «Alcipe» teria sido amante e, que a mesma ao cuidar dele, por motivos de doença, o terá envenenado involuntariamente, acabando por morrer. Informações colhidas numa reunião de trabalho tida com o Dr. Fernando Mascarenhas, 12º Marquês de Fronteira e entusiasta dos estudos em torno de «Alcipe».

y compris dans ses romans les plus illustres, Delphine (1802) et Corinne (1807). Elle allait devenir la source d'inspiration d'une nouvelle génération d'activistes féministes, après la restauration, en 1815, de la paix armée en Europe et l'installation d'une monarchie «constitutionelle» en France – avec un roi autoritaire, Louis XVIII, au sommet du pouvoir"[20].

Foi, ainda, na cidade londrina que «Alcipe» passou a conhecer mais alguns reais desgostos familiares, verdadeiras catástrofes pessoais que agravaram a angústia material em que vivia:

§ a filha Dona Luísa foi raptada pelo médico português Carneiro de Araújo, que estanciava na capital inglesa;
§ a condessa da Ega, D. Juliana, comprometeu o seu nome próprio e o do marido por seus amores escandalosos com Junot, o que a tornou odiosa aos olhos dos patriotas portugueses, que lhe negaram num futuro próximo (apesar da meia reabilitação pelo seu segundo casamento com o conde russo de Stroganoff e da protecção do Czar) o regresso a Portugal;
§ recusaram-lhe confiar os netos à sua vigilância e educação;
§ o filho não acedeu ao seu chamamento que a poderia defender e cujo garbo, dizia ela, mostraria aos ingleses o físico airoso de uma "raça" que, julgada pela fealdade do Embaixador, D. Domingos, poderia crer-se que fosse de orangotangos[21];
§ Finalmente, o irmão D. Pedro Almeida Portugal (3º Marquês de Alorna) sabia que lhe havia sido colocada em Portugal a cabeça a prémio como réu de traição por participar na invasão de Masséna. A 2 de Janeiro de 1813, antes de lhe ser possível reabilitar-se, morria em Konigsberg, de frio e de saudade.

Segundo Hernâni Cidade *"ocorrem momentos no exílio, que a desolação que a vida não lhe poupa e como ser humano que sofre exalara-lhe estes gemidos de dor: «nem as parentes mais próximas se atreviam a escrever-me» pela perseguição que lhe é movida por ser a mãe da condessa da Ega e a irmã do Comandante da Legião Portuguesa que lhe parece estender-se de Portugal à Inglaterra, onde não tem outro meio*

20 OFFEN, Karen, *Les Féminismes en Europe (1700-1950). Une histoire politique. Traduit de l'anglais (américain) par Geniviève Knibiehler,* Rennes, Presses Universitaires de Rennes, [2012], p. 120.
21 CIDADE, Hernâni, "Prefácio", in *Marquesa de Alorna, Poesias.*

para viver senão «em profunda solidão, silêncio e abandono de Deus"[22]. Todos os amigos a quem escreveu lhe iam lamentando a situação. A Inglaterra não a encantava excessivamente, pois não tinha Sol, vinho e nem água; existiam somente fábricas, reflexão e amor próprio, destacando «Alcipe» que a sua principal riqueza seria o dinheiro.

Da literatura inglesa detestava Shakespeare, considerando-o *"doido e grosseiro"*, Milton seria gigantesco. Mas, simultaneamente parecia manter a moderação e o equilíbrio clássicos, agradando-lhe Pope, o "único que parece ter juízo e gosto"[23]. Por isso, traduz de Pope o *Ensaio sobre a Crítica e a Arte Poética* de Horácio. Mas, não era insensível à comoção romântica de Ossian de que traduziu o episódio "Darthula", nem à melancolia humaníssima de Gray e o *Cemitério da Aldeia* o atesta. Foi também em Inglaterra, certamente por sugestões do ambiente em que tinham surgido *The Seasons de Thomson* e *Botanical Garden* de Erasmo Darwin, que «Alcipe» escreveu as suas *Recriações Botânicas*.

«Alcipe» regressava definitivamente em 1814, por ocasião da paz geral. Todavia, a tentativa de regresso definitivo ocorrera já em 1809, tendo sido frustrada, uma vez que as autoridades portuguesas impuseram-lhe o regresso a Inglaterra, com o pretexto de se ter apresentado sem passaporte; eventualmente tê-lo-ia perdido no navio[24].

«Alcipe» dedicou-se durante dez anos à reabilitação da memória do seu irmão, que havia sido condenado em Portugal por Inconfidência pelo facto de ter comandado a Legião Portuguesa no Exército Napoleónico e ter participado na terceira Invasão Francesa a Portugal, comandada por Masséna. «Alcipe» acabou por conseguir a revisão da sentença e a recuperação dos títulos de Marquês de Alorna e de Conde de Assumar. Tal é-nos confirmado por Isabel Drumond Braga, que assinalando que *"seria Dona Leonor a conseguir a reabilitação de D. Pedro, seu irmão, por sentença de 16 de Agosto de 1823. Para tanto, teve que levar a efeito diversas diligências, tentando provar que os bens confiscados eram bens vinculados e, como tal, teria a sua administração que ser restituída ao titular da casa, agora a própria marquesa. Apresentou, inclusivamente, documentos antigos, tendo*

22 CIDADE, Hernâni, "Prefácio", in *Marquesa de Alorna, Poesias*, p. XL.
23 CIDADE, Hernâni, "Prefácio", in *Marquesa de Alorna, Poesias,* p. XLII.
24 CIDADE, Hernâni, "Prefácio", in *Marquesa de Alorna*, *Poesias*.

recorrido ao trabalho de um paleógrafo, para sustentar as suas pretensões. Nesse labor, a marquesa escreveu ainda uma memória justificativa dando conta das acções militares do seu falecido irmão para, desse modo, *provar que a sentença que o condenara por crime de lesa-majestade tinha sido injusta. No texto foram citadas cartas, depoimentos e documentos judiciais"*[25].

O facto de a sua cunhada e dos seus dois sobrinhos terem já falecido, tornou-a herdeira destes, com o título de 4ª marquesa de Alorna. Mas, mesmo assim, a vida de «Alcipe» continuava a conhecer problemas e dificuldades de vária ordem, tal qual nos explicita Isabel Drumond Braga: *"mesmo após 1823, o endividamento e as consequentes dificuldades financeiras contribuíram para que Alcipe tivesse diversas demandas em resultado da administração da sua casa. As cartas que escreveu ao banqueiro Carlos Higgs são reveladoras dessas dificuldades. Por essa documentação ficamos também a saber que Dona Henriqueta, sua cunhada, recebia certa quantia paga através dos rendimentos das terras da Casa de Alorna. O quantitativo era entregue a Alcipe que, em seguida, o remetia para Lisboa. Por diversas vezes, em 1823 e 1824, é referida «a mezada regular da minha cunhada a Marquesa d'Alorna», supomos que se referia aos 50.000 réis que Dona Henriqueta deveria receber mensalmente, de acordo com o que ficara estipulado no seu contrato de casamento. Desconhecemos o destino dos bens particulares da marquesa sequestrados em Vila Viçosa. Teria D. Henriqueta conseguido obtê-los?. Ou pelo contrário teria passado o resto da sua vida empenhada nas demandas judiciais que durante tanto tempo também ocuparam a sua cunhada, D. Leonor (Alcipe), a quarta marquesa de Alorna?"*[26].

Conseguida a reabilitação do irmão e empossada «Alcipe» do morgado e do título do Marquesado de Alorna, parecia que a vida lhe seria a partir de agora fácil e a pena da poetisa, da escritora não mais haveria de se ocupar de outras letras além das belas-artes, não mais ela teria de esforçar-se a redigir cartas, representações ao Governo, instruções a letrados e a procuradores; mas, com efeito, não sucedeu assim. Em breve teria empenhado uma grande parte do seu património material. Durante todo o resto da sua existência, a situação persistia em manter-se numa penúria dourada.

25 BRAGA, Isabel Drumond, *Vivência no Feminino*, p. 190.
26 BRAGA, Isabel Drumond, *Vivência no Feminino*, p. 190.

Foi sobretudo depois do seu regresso de Inglaterra que «Alcipe» ocupou um lugar central na vida intelectual de Lisboa. Apesar de ter lutado com dificuldades financeiras abriu as portas das residências onde viveu na capital a poetas e literatos que a visitaram também durante as temporadas que passou em Almada e em casa do seu neto, o sétimo marquês de Fronteira, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, no seu palácio de São Domingos de Benfica.

«Alcipe» tornara-se uma figura central nas tertúlias literárias de Lisboa, desempenhando o papel de mediadora entre poetas de gerações diversas, que viam a frequência do seu círculo de relações como um sinal de prestígio e de legitimação do talento. Foram os casos de poetas então muito jovens como António Feliciano de Castilho (1800-1875) e Alexandre Herculano (1810-1877), que consideravam «Alcipe» como uma figura tutelar [27].

Entre os anos de 1816 e 1829, «Alcipe» frequentou também as assembleias que tiveram lugar em casa de Francisca Possolo da Costa (1783-1838), uma escritora 33 anos mais jovem, que juntava na sua casa personalidades ligadas ao Liberalismo, com as quais o marido desta poetisa mantinha relações excelentes neste campo político, mas também outros poetas de várias idades e de diferentes percursos ideológicos.

«Alcipe» morria a 11 de Outubro de 1839, com 89 anos de idade.

Tal como aconteceu com a grande maioria dos poetas e das poetisas seus contemporâneos, «Alcipe» não publicou em vida a sua poesia, que foi dada à estampa, em 6 volumes, pelas suas filhas Henriqueta e Frederica, em 1844, cinco anos depois da sua morte. Com o título *Obras Poéticas* de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oeynhausen, conhecida entre os poetas portugueses pelo nome de «Alcipe», esta publicação inclui, para além das obras poéticas originais da poetisa, as suas traduções de Claudiano, Gray, Goethe, Burger, Cronek, Metastasio, Milton, Thompson, Goldsmith, Lamartine, Klopstock, Wieland e pseudo-Ossian.

27 CIDADE, Hernâni, "Prefácio", in *Marquesa de Alorna*, *Poesias*.

2 – Mausoléu dedicado a «Alcipe» (Cemitério dos Prazeres, jazigo n.º 336, foto de Francisco Queiroz)

1.1 Será «Alcipe» inédita no quadro das mulheres escritoras?

Em 1843, Francisco Joaquim Bingre, então com 80 anos de idade, redigiu um poema heróico em três actos, intitulado "As Mulheres", no qual se refere a algumas escritoras suas contemporâneas. A condessa do Vimieiro, a condessa de Oeynhausen ou «Alcipe», a viscondessa de Balsemão e Francisca Possolo da Costa foram elogiadas nestes versos.

Enuncia-se, a título de exemplo, no apontamento correspondente a «Alcipe»: *"a condessa de Nhausen, grande Filósofa e grande poetisa lírica, mulher de abalizados talentos e de óptimas ideias liberais, cuja casa frequentei algumas vezes com outros poetas do meu tempo"*[28].

Na nota relativa à viscondessa de Balsemão, pode ler-se o seguinte: *"D. Catarina, Viscondessa de Balsemão, mulher muito estudiosa e bela poetisa lírica que muito frequentei e com quem tive muitos certames poéticos"*[29] e, por fim, na nota que remete para os versos que tratam de Francisca Possolo da Costa conta-se que *"D. Francisca de Paula Possolo da Costa, nasceu em Lisboa a 4 de Outubro de 1783: foi dotada de muito talento e génio poético; pode dizer-se que foi a nossa Safo ou a nossa Corina. Corre um volume intitulado Francília, Pastora do Tejo, de harmónicos versos, por ela feitos: deixou impressas excelentes obras: entre elas a tradução da maravilhosa obra de madame de Stael, Corina ou a Itália e muitas outras, que correm nas mãos de todos. Era muito amável e de génio dócil e de suma política e tanto ela como seu pai, Nicolau Possolo, e sua mãe, D. Maria do Carmo Correia de Magalhães foram muito da minha amizade"*[30].

OBRAS POETICAS

ALCIPE.

TOMO I.

LISBOA

3 – Frontispício das obras poéticas de «Alcipe» (1844)

28 Citado por ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
29 Citado por ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
30 Citado por ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».

Na acepção de Vanda Anastácio *"estes relatos de Francisco Joaquim documentam um facto frequentemente subvalorizado ou mesmo silenciado pelos historiadores literários: a intensa circulação de textos não impressos que ocorre durante o período de que aqui nos ocupamos, através da recitação, da leitura em voz alta e, no caso da poesia, do improviso, em reuniões sociais frequentadas por homens e mulheres de letras, que têm lugar na casa de mulheres-escritoras. Estas reuniões, a que os contemporâneos davam geralmente o nome de «assembleias» ou «funções», começam a estar na moda na década que se segue imediatamente ao terramoto de 1755 e a sua voga prolongou-se até perto da década de 40 do século seguinte"*[31].

Sabemos que, em termos dos costumes da sociedade portuguesa anterior a 1750, ou seja anterior ao ano de nascimento de «Alcipe», as mulheres viviam em situação de verdadeira clausura doméstica, confinadas a uma parte da casa, podendo apenas sair para assistir à missa e/ou às cerimónias religiosas, sempre acompanhadas. Mesmo em banquetes solenes da Corte, homens e mulheres comiam em mesas separadas, não se misturando sequer para dançar. Relativamente ao quotidiano das mulheres que viviam no seio familiar, a vida das freiras, na mesma época, seria muito mais aberta ao intercâmbio social, pautada por festividades religiosas e celebrações de efemérides conventuais às quais acorriam, para irem assistir, homens também[32].

Segundo Vanda Anastácio, *"a mudança de atitude em relação ao convívio entre os sexos, que não deixou de ter, como é natural, opositores (como sejam peças satíricas teatrais e alguma literatura de cordel de teor jocoso), foi atribuída pelos contemporâneos à perturbação da ordem social gerada pelo terramoto, ao maior afluxo de estrangeiros que se verificou na viragem do século e a um maior conhecimento das «modas» de outros países, nomeadamente da França"*[33].

Acerca desta nova sociabilidade pós-terramoto 1755, Vanda Anastácio detalha do seguinte modo *"[...] há mulheres-autoras que adquirem grande projecção, não só pelo talento que os contemporâneos lhe reconhecem mas, também, pelo papel «aglutinador» que desempenharam, reunindo à sua volta escritores, pensadores e personalidades ligadas ao poder. Trata-se, em geral, de senhoras casadas, que abrem as portas de suas casas ao convívio literário e presidem, acompanhadas pelo marido, às «assembleias» que*

31 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
32 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
33 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».

organizam. Oriundas, regra geral, da aristocracia ou da alta burguesia mercantil, sabemos os seus nomes, mas conhecemos muito pouco sobre as suas vidas e ainda menos sobre as suas obras, que ficaram quase totalmente por imprimir. [...] Organizadas com periodicidade regular (geralmente uma vez por semana), estas tertúlias incluíam, para além da divulgação oral das obras dos participantes, uma refeição ligeira, música, canto e dança. Aparentemente informais, dirigem-se, de facto, a um público seleccionado, que só acedia a elas através de alguém que já fosse frequentador. Criam-se, deste modo, círculos de relações afectas a certas casas, mas acontecia frequentemente que os mesmos poetas fossem admitidos em mais de um grupo. A literatura surge, assim, integrada num estilo de vida. [...] Na prática, quem sabe fazer poesia, improvisar e declamar tem acesso a círculos sociais que estão vedados àqueles que não nasceram no seio da aristocracia, por exemplo. Por outro lado, se é um facto que estas reuniões abriram espaço ao intercâmbio e à discussão de ideias, não devemos esquecer que nelas também se consagravam autores e se faziam e desfaziam reputações literárias, pelo que funcionavam, também, como verdadeiras instâncias de legitimação"[34].

1.2 Uma actividade discreta: Teresa de Mello Breyner, Joana Isabel Forjaz e Francisca de Paula Possolo da Costa

Dona Teresa de Mello Breyner, nasceu a 1739, foi condessa do Vimieiro em 1766, por casamento. No final dos anos 80 presidia em sua casa a assembleias frequentadas pelos poetas da *Nova Arcádia*, mas a sua actividade literária ter-se-ia iniciado dez anos antes. Os textos que lhe foram dirigidos por António Dinis da Cruz e Silva, António Ribeiro dos Santos, Nicolau Tolentino, Filinto Elísio e Domingos Maximiano Torres dão conta do intercâmbio poético que manteve com autores de diferentes gerações[35].

Era amiga da família Almeida Portugal, visitando assiduamente Dona Leonor Lorena, Dona Leonor ou a futura «Alcipe», e D. Maria de Almeida Portugal, enquanto estiveram reclusas no convento de Chelas. D. Teresa de

34 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
35 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».

Mello Breyner teria sido certamente uma das responsáveis pela circulação das poesias da futura 4ª Marquesa de Alorna, entre os literatos dos anos 70. Ela era a amiga, a confidente das horas de melancolia, a visita mais regular do convento de Chelas, era, no fundo, a mulher que conhecia o mundo secular, a intelectual iluminada com quem se podia dialogar[36].

Dona Teresa correspondeu-se com Frei Manuel do Cenáculo, entre 1780 e 1785. Viúva em 1793, retirou-se para o convento de Santos, no qual professou em 27 de Junho de 1794. Foi prelada desse convento, onde se supõe que tenha permanecido até à morte.

Outra escritora que presidiu a "assembleias" na mesma época foi Joana Isabel de Lencastre Forjaz, que era filha de um fidalgo da Casa Real e nasceu em 1745. Esta sua actividade está documentada no início dos anos 70 e parece ter terminado abruptamente depois da morte do seu marido, ocorrida por volta de 1755[37].

4 – «Alcipe», retrato publicado em MASCARENHAS, D. José Trazimundo, *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto ditadas por ele próprio em 1861*, Parte I (1802 a 1818), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.d., p. 16.

36 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
37 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».

Entre os homens de Letras que se lhe referem destacamos Nicolau Tolentino, Basílio da Gama, Caldas Barbosa, o Principal Botelho, Manuel Inácio Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto, tendo-se correspondido com José Anastácio da Cunha[38].

Vanda Anastácio adianta-nos que *"a correspondência inédita da Marquesa de Alorna dá a entender que teria existido, nos anos 70, uma rivalidade poética entre ambas, estimulada por grupos de poetas que tomaram um e outro partido, apesar de Alcipe viver então em Chelas e de, ao tempo da ocorrência, as envolvidas poucas vezes se terem encontrado"* [39].

Quanto a Francisca de Paula Possolo da Costa era trinta e três anos mais nova que «Alcipe», pois nasceu em Lisboa, a 4 de Outubro de 1783. Filha de um homem de negócios, Francisca de Paula viveu num ambiente socialmente privilegiado, tendo tido acesso na sua juventude à educação que, então, se ministrava às mulheres do seu meio. Teria estudado Música, Francês e, só mais tarde, por sua própria iniciativa teria alargado o leque das suas leituras[40].

Tal como Dona Teresa de Melo Breyner e Joana Isabel de Lencastre Forjaz, foi só depois do seu casamento com João Baptista Ângelo da Costa, em 1813, que Francisca Possolo da Costa conquistou um papel de relevo entre aqueles que se dedicavam às Letras. O marido, ex-oficial da Marinha que trocara a carreira da Armada pelo comércio, era maçom, mantendo relações de cordialidade com os intelectuais e dirigentes políticos afectos ao Liberalismo.

Segundo testemunhos contemporâneos de então, existia um teatro particular na residência do casal, situada na Rua das Trinas, destinado a um público composto por familiares e amigos, sendo representadas peças traduzidas ou adaptadas do Francês por D. Francisca Possolo da Costa, que também participava como actriz.

Durante o período que mediou entre o seu casamento e a morte do marido, João Baptista Ângelo da Costa, a poetisa passou a receber regularmente intelectuais e literatos de várias gerações, que animavam as assembleias organizadas em sua casa.

38 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
39 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
40 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».

Pelos seus salões passaram «Alcipe», Belchior Curvo Semedo, o conde de Sabugal, Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho, Almeida Garrett, Domingos Borges de Barros (futuro visconde da Pedra Branca e embaixador do Brasil em Paris), entre outros.

Vanda Anastácio considera que apesar da *"[...] escassez de informações que possuímos acerca das escritoras que acabamos de mencionar, contrasta a relativa abundância de documentação respeitante à Marquesa de Alorna (1750-1839) e a Francisca de Paula Possolo da Costa (1783-1838), as mulheres-autoras que maior intercâmbio poético mantiveram com os poetas do seu tempo. Sobre elas possuímos datas, obras e biografias mas, estas últimas, deixam em silêncio aspectos significativos da sua actuação que os documentos atestam, mas que não couberam, por assim dizer, nos parâmetros que o discurso historiográfico do século XIX e inícios do século XX estabeleceu para a imagem feminina"* [41].

Dom António da Costa assinala-nos uma diferença substancial entre as duas poetisas e autoras, «Alcipe» e Francisca Possolo *"vê-se que a impressão salutar produzia na nobre timidez de Francilia a animação da Marquesa. E que profundo contraste entre as existências de ambas!. A Marquesa teve por teatro o mundo, e viu-o aos seus pés; D. Francisca, a não ser no curto espaço da sua felicidade conjugal, viveu recolhida: no austero lar paterno durante a mocidade, e depois no desconsolo da viuvez"*[42].

À semelhança do que ocorreu com a condessa do Vimieiro e com Joana Isabel Forjaz, Francisca de Paulo Possolo afastou-se da vida social depois da morte do marido, em 1829, retirando-se para uma quinta que possuía no Cartaxo, onde viria a falecer a 19 de Junho de 1838.

Eis o veredicto de Vanda Anastácio acerca do papel desempenhado por Francisca Possolo da Costa: *"para além do seu papel como mediadora cultural, propiciando o intercâmbio entre os homens e mulheres de letras seus contemporâneos, Possolo da Costa foi autora de uma obra multifacetada, com incursões em géneros, como o melodrama e a novela, que então não eram considerados da esfera feminina. Ao contrário da maioria das suas contemporâneas, esta escritora fez imprimir em vida grande parte das suas obras, mas fê-lo quase anónimo, ou seja, assinando com as iniciais D.F.P.P.C. . [...] Apesar desta manifestação da tal «modéstia» considerada na época como própria do seu sexo, D. Francisca de Paula deu o seu nome a três curtas antologias de poemas intituladas*

41 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
42 COSTA, Dom António da, *A Mulher em Portugal*, p. 243.

Sonetos compostos por D. Francisca Possolo da Costa e Recitados no Real Teatro de S. Carlos e vindas a lume em 1826 e em 1827, nas quais se reúnem poemas de tom político e patriótico que a própria havia declamado, por ocasião da proclamação e juramento da Carta Constitucional, no Teatro de São Carlos, em Lisboa" [43].

Em suma, procurámos com esta breve panorâmica reflectir acerca do eventual papel inédito e único de «Alcipe» e verificámos que existiram mais algumas mulheres autoras suas contemporâneas, que viveram durante a segunda metade do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX. Constatámos, ainda, que estas mulheres autoras, apesar de terem conseguido aceder ao mundo das Letras, viram ser-lhes negada um papel de relevo na sociedade do seu tempo. Parece-nos, assim, sugestivo mencionar a este respeito uma afirmação de Madame de Stael em 1800, na obra *De la Littérature* em que compara a posição das mulheres escritoras do seu tempo à dos escravos libertos, considerados criminosos quando iam contra a ordem estabelecida e permanecendo oprimidos quando se conformavam com o seu destino[44].

2. A Velhice e a Diferença de Género

No século XVIII o Iluminismo apresenta-se-nos com um discurso filosófico que elimina as diferenças de etnia e de sexo. Todavia, o discurso finalmente elaborado pelos homens acabou por justificar a inferioridade da mulher. *"Ter acesso às Luzes não é senão atingir a maioridade: esta é idade em que qualquer homem ousa, finalmente, usar essa felicidade natural que o define: o seu entendimento. Ousar saber é uma divisa, não um estado de facto. Esta audácia, exorbitante para os poderes estabelecidos sem razão, está claramente inscrita na natureza, mas exactamente porque a história da espécie a ocultou torna-se um dever voltar a trazê-la à luz. Esta audácia, inseparável do uso público, chama-se liberdade. A liberdade, cujo principal exercício está ligado ao pensamento, pertence, de direito, a todo o ser racional. O texto kantiano teoriza o que habita o espírito esclarecido: a racionalidade livre define, na sua essência (o que é o estatuto lógico de uma definição) e na sua história (o que é o estatuto lógico de uma definição) e na sua história (o que é o estatuto de uma espécie em devir), a humanidade"*[45].

43 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos»
44 Mme. de Stael, *De la littérature*, p. 332.

Segundo Karen Offen, *"dans les sociétés pré-industrielles, les sexes sont souvent considérés comme différents par essence. Le «masculin» et le «féminin» sont des principes opposés. Le nombre des sociétés où le sexe masculin est considéré comme suppérieur l'emporte de beaucoup sur celles où apparaît la situation inverse. Cette idée de la supériorité masculine a parfois dominé si complètement la conception de l'existence s'est qu'un véritable mythe de la virilité s'est trouvé au centre de tout système social"*[46].

Em 1858, Camilo Castelo Branco[47] escreveu um pequeno artigo sobre «Alcipe», no qual podemos ler a seguinte reflexão: *"em Portugal olham-se de revês as senhoras que escrevem. Cuida muita gente, aliás boa para amanhar a vida, que uma mulher instruída e escritora é um aleijão moral. Outras pessoas, em tom de sisuda gravidade, dizem que a senhora letrada desluz o afectuoso mimo do sexo, a cândida singeleza de maneiras, a adorável ignorância das coisas especulativas, e até uma certa timidez pudibunda que mais lhe realça os feitiços. Quer dizer que a mais amável das senhoras será a mais néscia, e que a estupidez é um dom complementar da amabilidade do sexo oposto"* [48].

Acerca da posição de Camilo Castelo Branco, Vanda Anastácio esclarece-nos que *"Camilo demarca-se, logo a seguir, do ponto de vista assim enunciado, apresentando D. Leonor de Almeida como uma prova de que é possível às mulheres serem «ilustradas» e cumprirem, simultaneamente, com aquelas que considera as ocupações próprias do seu sexo: o casamento e a maternidade. Cremos, no entanto, que estas afirmações, que hoje nos fazem sorrir, devem alertar-nos para a necessidade de interrogar o discurso que a História Literária tem produzido sobre as mulheres escritoras. Ao fazê-lo, parece-nos que devemos ter em conta não apenas aquilo que foi dito mas, sobretudo, o silêncio que se fez cair, quer sobre estas mulheres, quer sobre alguns aspectos da sua actuação"* [49].

As considerações de Camilo Castelo Branco acima mencionadas são uma sátira do que era de facto o papel atribuído à mulher na segunda metade do século XIX, que corresponderia à visão da ortodoxia católica. Segundo a concepção católica da época, só a mulher virgem ou mãe poderia progredir no

45 CASNABET, Michèle Crampe-, "A mulher no pensamento filosófico do século XVIII", p. 370.
46 OFFEN, Karen, Les Féminismes en Europe (1700-1950), p. 10.
47 Não pensemos que Camilo Castelo Branco teria uma enorme tolerância face às mulheres autoras, ora vejamos como Camilo tratou a romancista e poetisa Maria Peregrina de Sousa: *"[...] Nessa época, liam-se com amor os romances de D. Maria Peregrina de Sousa, que o implacável Camilo troçou cruelmente chamando-lhe «Atafona de romances» e perguntando-lhe se lhe não seria airoso «bispontar bem uns fundilhos / para em tempo competente / um remendo pôr decente / nas cuecas de teus filhos?»".* PEREIRA, Firmino, *O Porto d'outros tempos*, p. 87.
48 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».
49 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».

caminho da virtude[50]. Vanda Anastácio esclarece-nos que diante da concepção católica sobre a actuação feminina que *"baste-nos sublinhar que, no discurso manifesto de todas as instâncias invocadas, se encontram os mesmos topoi (incapacidade, inferioridade, fragilidade) bem como as mesmas propostas de confinamento ao espaço doméstico, às tarefas conjugais e à maternidade, na dependência do pai ou do marido. Tendo em conta esta realidade, a primeira atitude do estudioso será evidentemente, a de partir do princípio de que tudo se terá passado de acordo com esta imagem. Sabendo que a generalidade das mulheres não tinha acesso à educação, parece aceitável que, as que tinham, estivessem de tal modo limitadas que se conformassem com os seus papéis de esposas e de mães. Mas a verdade é que, ao estudar a literatura produzida entre a segunda metade do século XVIII e os anos 30 do século XIX, tropeçamos continuamente em factos que parecem desmentir esta ideia"* [51].

Vanda Anastácio um pouco mais adiante explicita-nos que *"a reflexão que tem sido levada a cabo, desde meados do século XX, acerca do modo como a História é, de facto, construída pelo olhar do historiador e condicionada pelas suas categorias mentais torna-se fulcral neste contexto. Como se sabe, a História Literária, enquanto disciplina autónoma, nasceu no século XIX e constituiu-se de acordo com um conjunto de ideias-chave do tempo, correspondentes à visão do fenómeno literário que tinham os pensadores românticos e positivistas. Acreditava-se que deveria ilustrar o espírito nacional e incluir autores cuja vida e obra fossem consideradas excepcionais, originais, ou patrióticas. Temos hoje consciência de que esta forma de encarar a História Literária tem sido responsável pelo desconhecimento de parte considerável da Literatura produzida no passado, bem como pela constituição de um cânone redutor, no qual os «grandes homens» de cada época surgem de tal modo destacados em relação aos seus contemporâneos que, mesmo quando se tenta preencher esta lacuna com dados históricos, se perde, frequentemente, a percepção do contexto em que viveram, escreveram e foram lidos"* [52].

O homem surge como sendo o ser supremo da sociedade humana e um ser livre na sua essência, uma vez que lhe eram garantidos *"todos os socorros para aperfeiçoarem a sua razão"* e permitindo-lhes que fossem instruídos na *"grande ciência da felicidade, em todos os tempos da vida"* [53]. Todavia, *"[...] que os homens estejam*

50 *"Deus fiou da mulher um mandato tão nobre quanto glorioso; ela é o anjo da família, e o anjo incarnado da terra» e «a virgindade e a maternidade são os dois triunfos da mulher, um pela sua elevação acima da concupiscência da carne, outro pela efusão do seu amor santificado pela dedicação, sempre pronta a sacrificar-se pelo filho estremecido"*. Citado por ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».

51 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».

52 ANASTÁCIO, Vanda, «Mulheres varonis e interesses domésticos».

hoje e por toda a parte «a ferros» é a trágica consequência de uma degradação social que, no entanto, não conseguiu extirpar definitivamente uma liberdade que eles possuem por natureza e que constitui o seu próprio ser" [54]. Na acepção de Fernanda Daniel, Teresa Simões e Rosa Monteiro, *"[...] o envelhecer no masculino ancora tanto na «dependência» como na «experiência». Existem atributos relacionados com a perda de funcionalidade e de autonomia, dominantes na estereotipia associada ao masculino (Amâncio, 1998) e com uma identidade social ligada à maturidade e acumulação de competências"* [55].

Em contraponto, surge-nos a mulher nesta fase crítica da vida humana, a denominada velhice *"onde tudo parece deixar-nos"*, a situação da mulher era inquietante, cheias de dilemas, uma vez que *"[...] as mulheres em todas as idades, as abandonaram a si mesmas, desprezam sua educação na mocidade e no resto da vida: privam-nas de encosto e de sustento e por isso a maior parte das mulheres, vivem sem atenção e sem consideração sobre si mesmas na mocidade são vãs e dissipadas e na velhice fracas e abandonadas"* [56].

Baseando-nos nas autoras Fernanda Daniel, Teresa Simões e Rosa Monteiro *"[...] sabe-se que o impacto das desigualdades de género ao longo da vida é exacerbado, sendo as mulheres mais afectadas pela pobreza do que os homens, especialmente nesta fase"* [57]. Talvez, deste modo, possamos compreender a tónica de «Alcipe» em focar a situação completamente desprotegida, dependente economicamente (do marido, do irmão e noutros casos dos pais) e subalterna do género feminino, pelo menos, no Portugal dos séculos XVIII e XIX.

Mas, abordando na generalidade a comparação em termos de género relativamente à questão central do presente trabalho que é a velhice, Fernanda Daniel, Teresa Simões e Rosa Monteiro explicitam-nos que *"[...] na classificação do envelhecer no masculino e no feminino [...]. O primeiro ancora na proeminência posicional da dependência e da perda. Já no envelhecer no feminino emergiram atributos como resistência, ternura e dedicação, associados aos papéis sexuais designadamente ao cuidar. Também, a dimensão estética/física surge como representação do feminino"* [58].

53 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d., p. 1.

54 CASNABET, Michèle Crampe-, "A mulher no pensamento filosófico do século XVIII", p. 370.

55 DANIEL, Fernanda, SIMÕES, Teresa e MONTEIRO, Rosa, "Representações Sociais do «Envelhecer no Masculino» e do «Envelhecer no Feminino»", p. 24.

56 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..

57 DANIEL, Fernanda, SIMÕES, Teresa e MONTEIRO, Rosa, "Representações Sociais do «Envelhecer no Masculino» e do «Envelhecer no Feminino»", p. 16. Masculino» e do «Envelhecer no Feminino»", p. 16.

«Alcipe» encara as mulheres como sendo diferentes em si mesmas, possuindo diferentes virtudes e carácteres tal como se pertencessem a díspares castas sociais:

– *"[...] assim como há diferentes caracteres também há diferentes castas de pessoas que padecer e condutas que seguir. As mulheres são ou elegantes, ou virtuosas, estes dois caracteres são variados de uma infinidade de diferenças: há muitas sombras e graus em uma e outra. Para aquelas que nasceram sem ternura e sem atractivos e que não fizeram nem receberam nenhuma impressão essas gozam da tranquilidade e uniformidade da vida; e perdem menos em se adiantando em idade que aquelas que são capazes de terem sentimentos e inspirados: mas contudo isso elas terão sempre muito males que sofrer e imperfeições que combater. Elas devem-se guardar da tristeza"* [59];
– *"mas tomemos as mulheres [?...]: elas perdem mais em reconhecendo e tem mais que trabalhar o seu trabalho. Como as há de diferentes castas, também há diferentes condutas que seguir. Quanto aquelas que não atenderam a nada e que foram infiéis as opiniões e as virtudes do seu sexo, perdem infinitamente os prazeres, único vínculo que as unia aos homens, faltando-lhe; já não se prendem a eles nem eles a elas. Quanto aquelas que respeitaram-se e que souberam unir a probidade e a amizade ao amor; estas prendem-se aos homens pelas virtudes da sociedade; porque a virtude somente tem o direito de nos unir"* [60].

Considero que estas citações explicitam o que Gisela Bock considera ser *"[...] a consciência da alteridade, da diferença, da desigualdade entre história feminina e masculina [...] complementada pela tomada de consciência na historiografia da alteridade, da diferença, da desigualdade entre as próprias mulheres. [...] Por outras palavras, a presunção de que todas as mulheres compartilham as mesmas percepções, experiências ou situações adultera a realidade histórica. A história das mulheres só pode ser compreendida no plural, nunca no singular"* [61].

58 DANIEL, Fernanda, SIMÕES, Teresa e MONTEIRO, Rosa, "Representações Sociais do «Envelhecer no Masculino» e do «Envelhecer no Feminino»", p. 13.
59 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..
60 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..

Na acepção de Michèle Crampe-Casnabet *"a desigualdade feminina e as diferenças de «natureza» e de «comportamento», que tantos filósofos salientaram a seu bel-prazer, não são senão os efeitos da educação viciosa que as raparigas receberam e que as impede de fazerem os progressos de que são perfeitamente capazes nas ciências, nas artes [...]. A mulher foi formada de tal modo que não possui senão «virtudes de preconceito», das quais ela é vítima"* [62].

3. Análise de Tópicos patentes no *Tratado da Velhice*

Considero que seja útil tecer umas considerações introdutórias no presente capítulo de modo a enquadrar «Alcipe» em termos do seu imaginário, da sensibilidade que partilha com os demais seus pares da época e da influência das mulheres, nomeadamente, literatas e eruditas, num mundo dos séculos XVIII e XIX ainda dominado total e inequivocamente pelo homem.

Como sucede com a generalidade dos poetas portugueses que escreveram na viragem do século XVIII para o XIX, sobressai que a expressão da sensibilidade mais característica seja o gosto pela descrição e encenação dos afectos, que resistem ao controlo regulador da razão.

É nesta linha de pensamento que devem ser situados os diversos auto-retratos do "Eu", que poderá coincidir com o sujeito da escrita se representar como um ser perseguido pela desgraça e infortúnio, as descrições da natureza em termos melancólicos ou tenebrosos, o comprazimento na celebração ou encenação da morte, da noite, da doença, da dor e das lágrimas, tão frequentes na obra poética de «Alcipe», que lhe valeram a classificação de poetisa pré-romântica, nos anos 60 do século XX.

Todavia, uma visão global da sua produção literária que tenha em conta, simultaneamente, a prática dos poetas seus contemporâneos e daqueles que hão-de suceder-lhe, parece indicar que tanto o gosto pelas regras, temas e motivos clássicos, bem como pelas manifestações da sensibilidade, estão subordinados

61 BOCK, Gisela, "História, História das Mulheres, História do Género", p. 161.
62 CASNABET, Michèle Crampe-, "A mulher no pensamento filosófico do século XVIII", p. 396.

nos seus textos a uma visão do mundo orientada pelos parâmetros civilizacionais do Iluminismo, que encaravam a razão e a virtude como entidades reguladoras dos afectos. A poesia surge-nos como uma actividade ao serviço do ideal pedagógico e de educação para a cidadania.

Tudo indica que a partir do Iluminismo, a Literatura de autoria feminina começava a dar os seus primeiros passos, lentos mas decisivos na sua divulgação, o que denota o crescendo da influência das mulheres nas sociedades da época de alguns Reinos da Europa Ocidental. Karen Offen tal nos confirma: *"dans le même temps, tout au long du siècle des Lumières, une littérature de plus en plus abondante est publiée à l'intention des femmes. Ces textes sont la conséquence de l'intérêt suscité par le pouvoir et l'influence des femmes, mais ils sont surtout destinés à exploiter leurs qualités au nom du progrès social"* [63].

3.1 A finitude da vida humana: a necessidade de se levar uma vida pautada pela Razão, pela Natureza, e por Deus

Alcipe parece basear-se em parte nas reflexões de Marco Túlio Cícero[64] em *Catão, o Velho ou Diálogo sobre a Velhice*[65], centrando o autor clássico o seu pensamento numa vida satisfatória e feliz, na obediência às leis da Natureza e no conformismo estoico da finitude humana, «Alcipe» fala-nos da necessidade de se levar uma vida balizada pela razão, pela natureza[66], e por Deus:

> *"É porque consideramos as coisas como próprias e como devidas, que sofremos da sua privação; a impossibilidade só fixa o espírito do homem: as pessoas sábias ocupam-se em considerar os limites prescritos pela razão e pela natureza. Enfim as coisas estão em descanso, quando estão no seu lugar, o lugar do coração do homem é o coração de Deus: quando estamos debaixo da sua mão e que a nossa vontade estamos submissos à sua, nossos cuidados cessam, a submissão e a ordem nos dá a pax que a revolta nos tinha tirado: não há asilo mais certo para o homem, que o amor e o temor de Deus"*[67].

63 OFFEN, Karen, *Les Féminismes en Europe* (1700-1950), p. 85.
64 Cícero não foi um grande filósofo, mas um grande ensaísta com uma magnífica perspectiva histórica, cultural e de experiência de vida, sendo que as suas obras de teor filosófico são vibrantemente reflexivas e humanas, são tão lúcidas e vivas, seleccionam com muito acerto e familiaridade invejável da imensa produção filosófica grega, os temas ético-políticos mais palpitantes.

Pensamos que «Alcipe», ao focar o nome de Deus, quererá significar que a razão tem origem em Deus e, ao descer à Terra, passa para o coração do Homem, que, por sua vez, interpreta-a criando a razão natural, que o capacita para criar, por exemplo, comunidades políticas. Pensamos que aqui esteja uma marca do pensamento de S. Tomás de Aquino.

José Esteves Pereira muito sugestivamente alude-nos que relativamente à «Alcipe», *"não poderíamos encontrar melhor reiteração da ilustração cristã que é a nota caracterizadora dominante das nossas Luzes e de um entendimento de natureza que lhe é próprio, alheio, por um lado, aos sinais puramente imanentes do libertanismo e racionalismo filosofista e, por outro, muito próximo de um platonismo de conteúdo cristão, [...] embora expurgado de excessos de religiosidade"* [68].

3.2 A Velhice: seu sentido e significado na vida humana

«Alcipe» continua a seguir o pensamento de Cícero ao considerar que a Natureza é a grande mestra da vida, devendo ser seguida e obedecida como um preceito divino, lutar contra ela seria um esforço vão e inglório: se a infância, a adolescência e a maturidade do Homem foram sabiamente ordenadas, porque é que a última fase da vida, a velhice, seria alvo de descuido? Sendo a vida humana um produto da Natureza, é compreensível que tenha um fim tal qual como ocorre com os produtos da terra e os frutos das árvores.

Assimilando este conceito, a aceitação da velhice e, no final do ciclo biológico da vida, a morte, deveriam ser realidades que o sábio teria a obrigação de se submeter.

65 Cícero já escrevera *Tusculanarum disputationum libri V*, um diálogo esplêndido acerca das ideias que permitem sobrepor-se ao temor da morte e dos males gerais que afligem a alma, exaltando a virtude.

66 *"[...] Com simplicidade franciscana, um homem das Luzes e da abertura pombalina à filosofia natural, Frei Manuel do Cenáculo, dizia bem que a «Natureza é Deus»".* PEREIRA, José Esteves, "Alcipe e a ideia de natureza no século XVIII", p. 373.

67 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..

68 PEREIRA, José Esteves, "Alcipe e a ideia de natureza no século XVIII", p. 379.

– *"Nós chegamos a cada idade da vida sem saber gozar, nem conduzir-nos nela; quando ela passou, então vimos o uso que dela poderíamos fazer; mas como as saudades são, no caso que elas nos não corrigem, tratamos de aproveitar do tempo que nos resta. Ajudo-me com as minhas reflexões e como me vou chegando para aquele tempo em que tudo nos escapa, quero tornar a achar na minha razão o valor das coisas que perco. Todos temem a velhice: considera-se como uma idade entregue à dor e à tristeza, onde todos os gostos e prazeres desaparecem. Cada qual perde à medida que se adianta na idade e as mulheres ainda mais que os homens. Com todo o seu merecimento consiste em atractivos anteriores, é que o tempo os destrói; elas se acham absolutamente sem nada: porque as poucas mulheres a quem o merecimento dure mais que a beleza. Vamos ver senão é possível de os suprir; e como não há bem nenhum por mais pequeno que seja que não valha algumas coisas nas mãos de uma pessoa hábil, aproveitemos do tempo da velhice e cuidemos em fazer uso dele para a nossa perfeição e nossa felicidade"* [69];
– *"Perpassa-vos uma feliz velhice, por uma inocente mocidade. Lembrai-vos que aquela linda idade não é mais que uma flor que vós vereis desaparecer, as graças vos há-de abandonar-vos: a saúde vos há-de abandonar-vos: a saúde vos há-de fugir: a velhice virá murchar as flores do vosso rosto: por mais moça que vós sejais: o que vem com tanta rapidez não está longe de vós"* [70].

Segundo a sistematizada e pertinente abordagem de Fernanda Daniel, Teresa Simões e Rosa Monteiro, *"[...] no envelhecer no feminino a ideia de «dependência» não emerge com evocação modal. Os aspectos negativos realçados remetem para perdas em dimensões estereotipicamente valorizados no feminino, a beleza física ou ideal estético («rugas») e o domínio relacional e familiar («solidão»). A decadência biológica é empolada quando se pensa no envelhecimento das mulheres, sinal da centralidade do corpo e da beleza na identidade feminina valorizada"* [71].

Assumida esta sugestão de compreensão do envelhecimento no género feminino, pensamos que poderemos compreender as afirmações de «Alcipe» acerca da beleza das mulheres e das paixões do período da juventude ida:

69 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d. .
70 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d. .
71 DANIEL, Fernanda, SIMÕES, Teresa e MONTEIRO, Rosa, "Representações Sociais do «Envelhecer no Masculino» e do «Envelhecer no Feminino»", p. 24.

"os gostos enfraquecem-se em os exercitando; e as paixões das mulheres atam-se (?) como as dos homens. Enfim há um tempo na vida das mulheres, que é crítico: é a conduta que elas tomam e o partido que elas adoptam que da última forma a sua reputação e donde depende o descanso da sua vida. Na mocidade, as mulheres sustentam-se pelo ardor do sangue, que as atrai para os objectos sensíveis, que as entrega a paixões permitidas ou proibidas: a novidade variedade dos objectos que excita e nutre curiosidade; tudo isto a sustentam quanto aquelas que tem beleza e atractivos, elas gozam das vantagens da sua própria figura e da impressão que fazem nos outros: o amor próprio é sempre nutrido do que elas vêem, em si, ou do que elas inspiram. Qual é a dominação mais pronta, a mais doce e mais absolutas que a da beleza. A majestade e autoridade não têm direito senão nas coisas exteriores; a beleza tem sobre a alma: e não há mulher amável que não tenha gozado destes triunfos secretos. Ainda mais, que a origem dos divertimentos não forneça o desejo de agradar todo o esplendor (?) da carquilharia (?), os espectáculos, os enfeites estes prazeres são a ocupação de uma certa idade. Que movimentos hão-de ser as paixões?" [72];

– *"[...] em envelhecendo é preciso observar em si tudo e por isso nos discursos e nos vestidos decência. Nada é mais ridículo que fazer sentir com enfeite apurado que queremos apanhar os atractivos que nós perdemos numa velhice declarada, é menos velha o grande inconveniente das mulheres que foram amáveis, é de esquecer que já o não são. É preciso tomar um modo de vida conveniente porque não é viver como se deve, de viver a vontade das suas paixões e fronteiras; e nós não vivemos como devemos senão quando vivemos conforme a razão, e o que se chama Nós, é a nossa razão. É também preciso tomar sentido às suas necessidades, e de [?...] se não às pessoas de costume e idades semelhantes. Os espectáculos, os lugares públicos devem ser proibidos ou a menos, ir lá raras vezes, nada é menos decente que de ir ali mostrar um rosto sem graças, desde que se não pode ornar estes lugares, deve-se abandoná-los. As vantagens do juízo mantêm-se mal entre uma mocidade brilhante, ela vos fazem sentir de mais o que vós perdestes. Nada convém mais de que ficar em casa; o amor-próprio padece menos ali que em qualquer outra parte. Mas sempre há divertimentos permitidos e tudo que se chama prazer honesto, não é proibido"* [73].

72 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice,* s.d..

73 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..

Nivelado o Homem aos demais produtos da Natureza cujo destino não se pode libertar, Cícero e «Alcipe» perfilham do pensamento de Platão, que pregava a imortalidade da alma, a existência de uma vida celestial em que as almas dos Homens virtuosos retornavam ao convívio dos deuses imortais e eternos e, enquanto, a vida humana durasse na Terra, a vida corpórea ia-se disciplinando. «Alcipe» confere uma interpretação cristã às teorias de Platão, considerando que depois da vida terrena o prémio para o bom cristão seria a eternidade.

– *"Ganhamos menos com o mundo, que com a devoção, ela tem muitos recursos. Deve-se ter resignação em todos os tempos da vida; mas o uso dela é mais necessário na velhice, porque fazemos perdas continuadas. Mas como o sentimento é menos vivo, perdemos nós menos as coisas. É preciso deixar-se ir irreversivelmente a natureza, sem revoltar-se contra ela; é o melhor guia que podemos ter. Vivemos se não para perder e para nos despegar. Devemos cantar sobre a nossa mudança, e sobre a dor, próximo, e conduzirmos, quando eles mudam, assim como nós queríamos que eles se conduzissem se façamos nós que tivéssemos mudado. Mas muitas vezes que não temos senão para ganhar nas nossas perdas: à gente honesta reputam com o bem estarem livres dos vínculos das delícias. São os costumes e não a idade que são a causa de que nós padecemos. É preciso submeter-se brandamente as leis da nossa condição: vamos fartos para enfraquecer, envelhecer e morrer. Nada é mais inútil que revoltar-se contra os efeitos do tempo; ele é mais forte que nós"* [74].

José Esteves Pereira admite que a ligação ao Mundo, à Natureza e a Deus remonta já ao período *"[...] da jovem Leonor no recolhimento de Chelas face à imensidade do mundo que a convencia da necessidade de muito estudo sobre as coisas da natureza, e da história: vivia a conjugar-se, crescentemente, com uma exigência íntima, o descobrir, pela fruição virtuosa do mundo, em êxtase, da presença de Deus, embora sem a excessiva propensão mística ocorrida na adolescência"* [75].

Segundo a acepção de Montaigne, a ciência, a razão não serviriam de seus guias, mas seriam a causalidade, as impressões, as circunstâncias externas que, em lugar de conduzir à verdade, o faziam viver por meio de ilusões e

74 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice,* s.d..
75 PEREIRA, José Esteves, "Alcipe e a ideia de natureza no século XVIII", p. 378.

de sombras. Esta incapacidade inata do Homem conduz Montaigne a uma profissão de fé cristã, patente sobretudo no capítulo mais célebre dos *Ensaios* (II, 12)[76], "Apologia de Ramon Sibiuda" e simultaneamente formulou e desenvolveu a dúvida.

3.3 O sentido da Morte na vida humana

Para Cícero, filosofar é sinónimo de preparar-se para a morte e isso porque de certo modo o estudo e a contemplação retiram a nossa alma para fora de nós e ocupam-na longe do corpo, o que é uma aprendizagem e representação da morte ou toda a sabedoria e discernimento do mundo se resolvem a ensinar-nos a não termos de morrer.

Tal ensejo de matriz ciceriana atinge «Alcipe» que, por sua vez, cita Montaigne[77], filósofo que considera o sentimento da morte ser constante não como uma *doentia monia* de uma alma desequilibrada que se lança cegamente para a consumação do suicídio; mas como, uma característica de lucidez de quem, vigilante e pró-activo está sempre a enviar esforços para não perder a consciência do próprio corpo, dos pensamentos da própria vida, das circunstâncias da própria morte e da mortalidade.

Morreremos em nós mesmos, apenas em nós mesmos e numa experiência que constitui simultaneamente ausência e nulidade. Enfim, vivenciaremos solitários a nossa própria morte. "Nada é mais glorioso de que fazer uma honrosa retirada, e de pôr um espaço entre a vida e a morte. A morte, diz Montaigne não é um Acto de Sociedade, é o Acto de um só. Na velhice deve ser mais perseverante, que prodígio de si mesmo. Disseram de um grande homem que ele tomou conselho da sua velhice, e retirou-se" [78].

A postura de moralista em Montaigne[79], influenciada pelos modelos clássicos e pelo estudo dos respectivos documentos e textos, tanto históricos como

76 De um modo geral, nos *Ensaios* confluem interesses e tendências contraditórias. Montaigne, inimigo de qualquer pesquisa sistemática, não se deixou classificar facilmente. Precisamente este seria o seu mérito ou pelo menos a sua importância histórica, já que as suas dúvidas e o seu relativismo o transformaram em promotor do liberalismo filosófico. O seu êxito se justificou ao invés da sua falta de critérios firmes, pelo seu estilo de uma rara espontaneidade e plasticidade, pelas suas expressões pitorescas e imprevistas e pelas suas imagens precisas e familiares, que fazem directamente sensíveis as ideias abstractas.

literários, fazem-no chegar a um conjunto de conclusões acerca da natureza do Homem em geral. Assim, a natureza mostraria ao Homem que a morte seria parte integrante da vida e faz-se presente constantemente e não somente num único momento em que põe fim à vida.

No *Tratado da Velhice*, «Alcipe» perfilhava absolutamente o pensamento de Montaigne, ao concordar que ao vivermos em harmonia connosco mesmos, no intuito de não passarmos pelo que não somos, estaríamos a encetar uma procura legítima em termos da manifestação coerente dos pensamentos, das palavras e das acções.

E, assim, cultivando-se a autenticidade na vida, que «Alcipe» considerava como sendo apanágio de um bom corolário de vida, o ser-se um cristão devoto e piedoso, o Homem encaminhar-se-ia para a autenticidade e verdade na morte, ocasião em que não haveria lugar para a dissimulação e fingimento, por não haver a possibilidade de se morrer mais ou menos como outra pessoa.

77 «Alcipe» não enuncia Montaigne arbitrariamente, pois, está consciente que o filósofo e moralista francês, é um dos primeiros representantes do cepticismo moderno, que vem na esteira da sabedoria clássica, citando amiudadas vezes os escritos de Plutarco, de Juvenal, de Terêncio, de Horácio, de Virgílio, de Pérsio, entre outros. Montaigne cita, no capítulo XX do "Livro Primeiro" dos seus *Ensaios*, intitulado "De como filosofar é aprender a morrer", Cícero (estóico) que afirmou que filosofar consiste em preparar-se para a morte. Cita, ainda, especialmente Séneca, autor estóico romano que influenciou fortemente Montaigne com a ideia que nós nos devemos familiarizar com o conceito da morte. Os *Ensaios* são uma colecção de dissertações e anotações independentes, redigidas em épocas diferentes e relacionadas com as leituras feitas pelo autor. A sua primeira intenção, sendo apanágio de todos humanistas, seria assinalar com observações e comentários as passagens dos livros lidos. Montaigne era, aliás, um grande leitor especialmente de moralistas como Séneca e Plutarco, mas também de historiadores e de poetas. A variedade das suas leituras se reflecte nos seus comentários. A sua originalidade reside no seu comentário não ser filológico, mas moral, embora movido pelo método comparativo e analógico comum aos filólogos. Por tratar-se de textos sem relação entre si, a sua análise é difícil; mas os seus estudos levaram Montaigne a formular uns critérios superiores, embora difíceis de definir pela natural evolução das suas ideias. Deve-se ter presente a sua erudição humanista, o seu pensamento filosófico, a sua ideia moral e, por fim, o mérito literário da sua obra.

78 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, Tratado da Velhice, s.d..

79 Inicialmente, o ideal moral de Montaigne aproximava-se do estoicismo: o filósofo parecia confiar na vontade, que proporcionaria as vitórias morais. De seguida, a comparação mais cuidadosa das lições do passado que mais poderosamente chamou a sua atenção sobre a inconstância e a relatividade dos critérios humanos foi a constatação de que o Homem seria versátil por natureza, «flutuante e variado», incapaz de chegar ao conhecimento da verdade por si mesmo.

"Para um cristão infiel são penas que o esperam a um Filósofo é o nada. Aqui está o que termina a mais bela vida do mundo; o último acto é sempre trágico. Há muito que ganhar de mudar a ideia do seu nada contra a ideia da Eternidade. Se nós vivemos de um modo que a faça feliz, é um belo pau de giz que uma eternidade de felicidades; mas a maior parte do mundo vive sem pensar nunca a examinar do seu estado. Que creria que esses mesmos homens que são tão ardentes sobre aquilo que pertence a sua glória ou fortuna, quando a acham em perigo, são quietos e indolentes sobre o conhecimento do seu ser; que se deixam moralmente conduzir à morte, sem se instruírem se aquilo que lhe dizem são quimeras ou realidades; eles se encabritam (?) e vêem chegar-se a eles a morte, a eternidade, as penas e recompensas eternas, sem pensarem que aquelas grandes verdades os toca e os interessa. Pode-se sem precaução e sem temor ir tentar um tão grande sucesso. Contudo, isto é o estado em que vivem a maior morte dos homens, e porquanto alguns que tomaram partido do bom; ou mau lado, quanto houvera que não pensam nisto. Quanto àqueles que são bastantemente felizes por serem penetrados pela Religião; a piedade os consola e é lhes mais fácil a praticar. Todos os vínculos que prendem a vida estão quase quebrados" [80].

Consideramos que «Alcipe» toca indelevelmente em mais uma característica do ser romântico, que é a nutrida liberdade moral ou seja, embora, a norma da moralidade não seja constituída pelos dictames da sã razão e muito menos pelas crenças religiosas, a verdade é que reconheceria a necessidade afectiva de Deus e da religião.

A morte surge como próxima e conhecida de nós, todavia, é sempre causa de grande pavor e de repulsa para a mente do Homem comum e irreflectido. Atribuindo a si mesmo, insensata e insistentemente um falso estatuto de invulnerabilidade, ele esbarra na sua finitude espelhada no falecimento alheio e vê diluída a sua tola e delirante pretensão de imortalidade.

Esta consideração leva-nos a outra reflexão, que é a oposição entre natureza e razão, que se manifesta mais intensamente quando Montaigne abordou os papéis dessas duas instâncias diante da morte. Conforme preconizava Séneca, a razão manter-se-ia de sobreaviso, procurando antecipar através da imaginação de todas as eventuais formas possíveis de morte, que poderiam ocorrer a qualquer momento sobre nós.

80 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..

A natureza nos aconselha a prosseguirmos despreocupadamente, desempenhando as tarefas quotidianas, mas sem nunca esquecermos que a morte é uma parte integrante e sempre presente da vida.

No fundo, o que se procura é a vitória sobre o medo da morte, um objectivo perene que acompanha toda a reflexão de Montaigne. Notemos que, tanto a natureza como a razão, aconselham-nos a que se pense na morte; a diferença reside nisto: enquanto a razão pressupõe uma tensão constante da vontade, a natureza antevê uma aceitação pacífica, serena aceitação e até submissão ao facto inelutável e incontornável da morte.

É a mortalidade enquanto determinação natural, parte inerente da vida presente a cada instante, em cada movimento da natureza, que vai mais e mais tornando conta do discurso montaigneano, de tal modo que as passagens de teor estóico vão sendo decisivamente esbatidas em prol de um amadurecimento da filosofia da morte[81].

«Alcipe» continuou a perfilhar o pensamento de Montaigne[82] acerca da morte, considerando ambos que é um fim para o qual nós nos encaminhamos e ocorre inevitavelmente ao Homem comum. O natural é estarmos esquecidos dessa realidade que será sempre um drama.

A vida quando se esquece da sua realidade final ocasionada pelo entendimento do Homem, torna-se ela própria medíocre e inconsciente de modo propositado, como se nunca passasse em todos os domínios temporais.

"Nós devemos a primeira e a segunda idade à pátria, e a última a nós mesmos. Viver no embaraço, é viver à pressa o descanso acrescento a vida. O mundo nos furta a nós mesmos e a solidão nos o dá. O mundo não é mais que uma tropa de fugidos de si mesmos. A solidão diz um grande homem, é a enfermaria das almas. Retirai-vos pois em vós mesmos, disse ele, mais preparai-vos vós receber bem: temeis pejo e respeito de vós mesmos, cessais de amar-vos, e aprendeis a respeitar-vos. É uma coisa muito triste que é amar-se tanto, e de se ver a morrer a cada instante. É preciso para o nosso interesse

81 Ao deter-se exclusivamente no aspecto natural da morte, Montaigne excluía completamente a sua dimensão sobrenatural. Em momento algum, Montaigne considerou a morte como algo transcendental, mas sempre como um fenómeno imanente entretecido intrinsecamente com a vida e com a corporeidade.
82 Montaigne denotou uma subtil habilidade em conviver sábia e pacientemente com a realidade da morte, quando se viu privado da companhia de Etienne, o seu maior amigo que o inspirou a escrever o capítulo XXVIII "Da Amizade", Livro Primeiro dos *Ensaios*. Etienne acabou por oferecer a Montaigne a sua biblioteca e os seus papéis, como penhor da sua afectuosa e fraternal amizade.

despregar-vos de nós mesmos; romper todos os dias algum vínculo, para poder estar mais livre; fechar todas as estradas ao retorno do mundo, e não virar a cabeça para ele. A vida feliz, que se acha livre de toda a escravidão; onde se renderia a tudo, não por um desgosto passageiro, para por um gosto contraste, que procede do conhecimento do pouco valor das coisas!. É este conhecimento que nos reconcilia com a sabedoria e que ocasiona a velhice, que se pode este termo. Não pertence se não às almas livres de pesar a vida e a morte: não pertence se não às almas cheias de recursos, de gozar dos seus últimos anos; as almas fracas os sofre, as almas fortes tira deles partido. Disseram, que não havia espectáculo mais digno de Deus que um homem virtuoso despertando com a fortuna: deve-se dizer outro tanto de um homem só com si mesmo, despertando com a velhice, a enfermidade e a morte. No retiro que é o asilo da velhice goza-se de uma calma sem intercepção uns dias inocentes nos dão noites tranquilas; e em sociedade com os mortos, eles vos instruem, vos guiam e vos consolam; são amigos certos e constantes, sem ligeireza e sem inveja: - enfim disseram, que o que havia de mais delicioso na vida do homem, era no seu fim. Em se adiantando, aprende-se também a submeter-se as leis das necessidades: esta vontade livre, forte e indomável, gasta-se e apaga-se insensivelmente temos provado bastante que a resistência é inútil e não nos deixa se não vergonha e revolta: nós queremos às vezes o que nos é contrário, e muitas vezes o que cuidávamos contrário a viver para o nosso proveito. Já não sabemos o que devemos querer, já não temos força para desejar e submeteram-se, que de mudar a ordem do mundo. A pax interior reside, não nos sentidos, mas na vontade; conserva-se entre a dor, enquanto a vontade está firme e submissa. A pax não consiste em padecer, mais a submeter-se a estas mesmas penas" [83].

Pensamos que, nestas considerações, «Alcipe» exteriorizou a angústia metafísica e, à boa maneira romântica confinada no seu egocentrismo, acabaria por perder toda a confiança na razão e na sua personalidade. A vida seria um problema insolúvel. O instinto mostrava-lhe a todo o momento que a existência de forças estranhas que ela não dominava, que nem sequer conhecia, apesar de tudo a conduziriam pela existência adiante, como que arrastada por um cego destino.

A Natureza, essa contemplava impassível na sua dor rumo ao envelhecimento e subsequentemente à morte. A resolução dos seus problemas estaria, assim longe, muito longe. O homem e a mulher românticos erguiam os seus olhos para o

83 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..

Infinito e para o Absoluto, o que o Homem clássico fingiu ignorar. Sentiam uma nostalgia intensa de algo distante no tempo e no espaço. Buscava-se esse algo irremediavelmente perdido, por exemplo, no caso de «Alcipe», a juventude, a beleza e o vigor físico. Ambicionava atingi-los, mas, quanto mais andasse, mais longe afigurar-se-ia ver. Chegava, assim, ao desespero, à inquietação febril e à angústia metafísica, que surgiriam inevitavelmente.

3.4 Uma profunda antropologia

«Alcipe», neste tópico, parece-nos fazer eco do pensamento de S. Tomás de Aquino. O pensamento de Aquino pugna pela absoluta liberdade de Deus que criou livremente o Mundo, o que permite ao Homem contemplar a realidade como se tratasse de um dom gratuito de Deus. Nesta perspectiva metafísica a filosofia de S. Tomás de Aquino estudou o Homem ao detalhe, formulando uma antropologia profunda na qual o Homem, sendo uma criatura metafísica, descobre a sua grandeza ao ser feito à imagem e à semelhança de Deus.

«Alcipe», ao citar a antropologia estudada pela filosofia de Aquino inclui o fim e a ordem moral. A doutrina moral repousa na metafísica do bem e do fim. As criaturas procedem de Deus – Bem universal enquanto Ser supremo e criador da entidade. São bons enquanto participam do ser e são para dar glória a Deus ao assemelhar-se a ele. Esta finalidade, sentido último da Criação, alcança-se nos seres espirituais por meio do seu trabalho livre, por que cada pessoa se há-de orientar de modo total a Deus: saiu do seu Princípio e retorna a ele como Fim. Assim, o fundamento da dignidade da pessoa é a sua proximidade a Deus. A metafísica do ser permite entender a razão profunda do primeiro mandamento, raiz de toda a moral natural, uma vez que a ordem natural da criação pertence ao desígnio divino.

Deus difundiu na Criação o seu próprio Bem de modo participativo assim como cada parte singular do Universo e cada pessoa na sociedade ou comunidade humana, de modo a difundir o seu próprio bem e procurar o seu próprio bem no bem comum. O Universo é um todo participado que se orienta no Todo incriado e que obedece a uma ordem interna pela vinculação das partes em si, que é o fim último imanente (bem comum interno: a ordem do todo) ordenado ao Fim último transcendente, o Bem Comum que é Deus.

Temos, assim, a raiz da ordem moral, o amor ao próximo do qual brotam mais normas morais. Existe uma unidade profunda entre o amor a Deus e os demais a um só. As verdadeiras razões e a finalidade da convivência humana está em dar a cada pessoa a possibilidade de difundir noutros o seu próprio bem e de ser ajudado pelos demais. O bem espiritual é a virtude moral, que se obtém quando, entre os Homens, se assegura a justiça e a amizade.

Assim se poderá contemplar melhor a elevação sobrenatural do Homem na vida cristã, que o conduz a uma união mais íntima com Deus[84]. Tal nos parece ser corroborado por José Esteves Pereira, *"a fruição da verdade e do entendimento último da ordem que rege os seres solicita um discurso de teor sentimental, que deseja incorporar a utilidade e bondade da natureza e da ciência, coerente com um paradigma de neutonianismo moral, ao mesmo tempo que se afirma como purificação da razão na senda da Verdade. Com o desprendimento de alma dá-se a abertura, no limite, à união com o Ser dos Seres e ao descanso na lúcida morada"* [85].

«Alcipe» considerava que *"enfim as coisas estão em descanso, quando estão no seu lugar, o lugar do coração do homem é o coração de Deus: quando estamos debaixo da sua mão e que a nossa vontade estamos submissos à sua, nossos cuidados cessam, a submissão e a ordem nos dá a pax que a revolta nos tinha tirado: não há asilo mais certo para o homem, que o amor e o temor de Deus"* [86].

Em síntese, pudemos constatar, pela leitura e análise do *Tratado da Velhice*, que *"através da escrita feminina ganhamos acesso à vida das mulheres. Muitas vezes, quase sempre, acedemos aos seus constrangimentos. [...] Vida pública e poder político são manifestações de acesso exclusivo aos homens. Mesmo quando integram famílias influentes, as mulheres não têm qualquer papel no teatro da vida pública. "Até ao final da Idade Média, o grupo a que uma mulher pertencia era mais determinante do que o género. Gradualmente, entre os séculos XVI e XVIII, o género passou a ser uma categoria com um peso muito grande"* [87].

A circunstância de ter crescido no convento marcou profundamente a personalidade e a obra de «Alcipe», que viveu de forma dramática a separação do pai e do irmão, colocado sob a tutela do Marquês de Pombal e representar-se-ia

84 A difusão natural do bem seguia a propagação do bem sobrenatural e o amor natural a Deus seguia o amor sobrenatural da Caridade, que seria o centro da vida cristã.

85 PEREIRA, José Esteves, "Alcipe e a ideia de natureza no século XVIII", p. 379.

86 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Privado Casa Fronteira e Alorna, Espólio referente à 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*, s.d..

a si própria na sua obra poética como um ser triste, marcado pelo infortúnio, vítima do despotismo e da tirania de um só homem, Sebastião Carvalho e Melo. Algum tempo depois da reclusão, que poderia rondar o ano de 1763, estabeleceu-se uma correspondência proibida e secreta, entre D. João Almeida Portugal e a mulher, depois alargada às filhas[88] e, mais tarde, ao filho.

Esta profícua correspondência revelou ser um autêntico documento, de modo a percebermos como é que circulavam os livros, mesmo os proibidos entre os membros da aristocracia lusa culta. Testemunha ainda a grande difusão que tiveram em Portugal, nos anos 60 e 70 do século XVIII, as obras e as ideias do Iluminismo francês.

Interessando-se, desde muito cedo pela poesia, «Alcipe» assistia aos outeiros poéticos que se organizavam em Chelas, chegando a participar em alguns. Efectivamente, durante a clausura «Alcipe» ia nutrindo um autêntico convívio espiritual, não faltando ao contacto assíduo com poetas e cultos da época, atraídos pelo talento, formosura e até pela situação romântica das duas irmãs Alorna, tais como: o Padre Francisco Manuel do Nascimento *(Filinto Elísio)* [89]; Correia Garção; o Dr. Tamagnini *(o sábio Alceste)*, empenhado em manter as leituras seleccionadas pela ortodoxia, que começava a ficar ameaçada pelo filosofismo francês; o Dr. Ferreira Barroco *(Albano)*; Frei José do Coração de Jesus *(Almeno)*[90]; Frei Alexandre da Silva ou da Sagrada Família[91] (1737-1818), que era tio de Almeida Garrett, futuro bispo de Angra do Heroísmo e confessor de «Alcipe», a quem num momento de crise moral evitou a profissão religiosa da nobre; e Domingos Maximiano Torres *(Alfeno Cynthio)*.

Esta tertúlia não deixava de ser um combate de ideias contra a prepotência e a injustiça perpetradas pelo despotismo pombalino. Mas, já a fama do seu talento poético corria fora do convento, estimulada por relatos que corriam sobre a poetisa e pela circulação de textos seus difundidos nos círculos de literatos por autores que a visitavam, como a já referida Dona Teresa de Mello Breyner [92].

87 Vanda Anastácio em http://www.publico.pt/culturaipsilon.

88 Estas cartas foram parcialmente publicadas em 1941 por Hernâni Cidade e cuja edição integral se processou através do projecto «Alcipe» da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna. Estes textos constituem a fonte principal para o conhecimento dos anos de juventude de «Alcipe» e documentam o modo como a futura 4ª marquesa de Alorna foi construindo a sua personalidade, guiada pelos conselhos paternos e, sobretudo, por uma sede de conhecimentos, que levou a dedicar-se intensamente à leitura e ao estudo de idiomas, tais como: Francês, Inglês, Italiano, Latim, Árabe e até à aprendizagem da música e da pintura.

89 Este poeta parece ter sido o primeiro a atribuir a D. Leonor de Almeida Portugal, o pseudónimo literário de «Alcipe».

O convívio com os árcades completava-se com outro puramente espiritual, mas bem mais inquietante. Além de Verney e de Teodoro de Almeida; de Corneille e Racine, de quem recitava longos trechos; de Bourdaloue e Pascal, de Bossuet e Fénelon, de Cervantes e Pope, ainda conseguiam ultrapassar a portaria do convento de Chelas, apesar de mais guardada contra a filosofia do que contra o amor, Buffon, Diderot, Voltaire, Rousseau, Condillac e Wolf.

> *"Com o pai, também a mãe, o Dr. Tamagnini, a sua amiga D. Teresa de Melo Breyner, Condessa do Vimioso (Tirce), [...], o confessor, todos se alarmam ante os borrifos com que a salpicava, de longe, a vaga heterodoxa, que alastrava. A todos resiste. E defende contra o confessor a teoria coperniciana, como defende Newton e outros hereges, que a comoviam por sua absorvida atenção indagadora aos mistérios da Natureza. Chega a proclamar num rasgo de maior audácia, que, em matéria científica, vale mais o dito de um sábio herege do que o de um santo ignorante"* [93].

A obra poética de «Alcipe» nasceu de um conjunto de factores, onde a vida e a cultura se entrelaçavam numa simbiose dramática de tristeza, como seria apanágio dos muitos acontecimentos dolorosos da sua acidentada existência.

Numa primeira fase, uma clara procura de evasão, pela simples ocupação do espírito e numa segunda fase se encontrava na expressão literária um desafogo de mágoas que, ao jeito do confessionalismo de um Rousseau ou das melancolias de Gray e/ou de Young (suas leituras do tempo de Chelas), se configurava já com um cariz de esperançosa novidade romântica.

«Alcipe», à boa maneira romântica era detentora de um espírito idealista, projectando os seus olhos fitos num mundo superior que a razão não saberia definir; o autor e/ou a autora começava a idealizar e a fazer de conta. Não se contentava com o comum das festas cortesãs, com o indiferentismo irónico e com o cepticismo do século XVIII. O seu coração generoso deixar-se-ia embalar

90 Tradutor de Ovídio e amigo de António Ribeiro dos Santos (1745-1818), o Elpino Duriense da Arcádia Lusitana.

91 «Alcipe» tratava-o por Sílvio.

92 D. Teresa de Mello Breyner para além de visita assídua das encarceradas do convento de Chelas, manteve um salão literário até cerca dos anos 90 do século XVIII, frequentado entre outros, por poetas da Nova Arcádia, como Domingos Caldas Barbosa (1738?-1800), Joaquim Severino Ferraz de Campos (1760?-1813?) e Francisco Joaquim Bingre (1763-1856).

93 CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, p. 426.

num certo espiritualismo e iria lançar-se no culto da Humanidade, da Pátria e da Mulher. E, então, encaminharia toda a potencialidade do seu ser para a filantropia e para o patriotismo.

«Alcipe» bem como os demais autores românticos da época chocavam muitas vezes com a realidade, caindo amiudadamente na evasão e no pessimismo. Idealizavam o mundo, construindo-o no ar ou sobre castelos de areia. Quando baixavam à terra, não encontravam obviamente esse mundo idealizado. A Humanidade não os compreendia; a Pátria se fosse necessário desterrá-los-ia. Do choque brutal com a realidade provinha o desengano e, para esse, só existiria uma solução: fugir. Uns fugiram de terra em terra, como Chateaubriand, Byron e Garrett; outros refugiavam-se na Idade Média ou na paisagem do exótico Oriente como Walter Scott, Alexandre Herculano e Vítor Hugo; existiam ainda os que fugiam de fora para dentro, introvertendo-se e subjectivando-se de tudo; alguns iam mais longe e chegavam ao ponto de se suicidar, fugindo apressadamente para a eternidade como Kleist, Nerval, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental e Trindade Coelho.

O casamento em 1779 com o conde de Oeynhausen *"[...] condicionou-lhe dar ao espírito os horizontes que ele reclamava. Nomeado o conde ministro enviado à corte austríaca, pouco antes da ascensão ao trono de José II, ei-la através da Espanha, França, Alemanha, até Viena, onde se demorou, tendo ensejo de, no caminho, se relacionar com Mme. Stael e o poeta Delille, e, na corte vienesa, com o Abade António da Costa, grande músico português, e o poeta Metastásio. Além destas relações, toda a convivência espiritual que o ambiente e a leitura, uma vez dominada a língua alemã* [94]*, mal adivinhando através das traduções lidas no claustro, ali o tinha patente em viva florescência. Faltava-lhe agora, para completar a modernização do seu espírito, uma estância em Inglaterra..."*[95].

«Alcipe», através do seu casamento com o conde de Oeynhausen, pôde viajar pela Europa, adquirindo uma cultura considerável, o que a conduziu à reflexão bastante pertinente de Hernâni Cidade acerca da aprendizagem e da própria intelectualidade literária que a futura 4ª marquesa de Alorna incarnou: *"[...] a sua*

94 Sobre o Romantismo na Alemanha, António José Barreiros esclarece-nos que "*poucas nações estavam tão bem trabalhadas e preparadas para fazer germinar e crescer o Romantismo como a Alemanha. Flagelada por guerras religiosas e civis, que a retalharam em vários estados, não teve, durante o Classicismo, condições propícias para criar uma literatura com continuidade. De resto, a época dos grandes impérios europeus foi para os Alemães uma era que precisavam de esquecer. E esqueceram-na com gosto, saltando por cima dela e indo procurar inspiração às tradições medievais ou locais, que, para maior consolação, idealizavam a seu gosto*". BARREIROS, António José, *História da Literatura Portuguesa*, 13.ª ed., vol. II, *séculos XIX-XX*, s.l., Editora Pax, s.d.[1992], p. 11.

permeabilidade ao Romantismo nascente, já pressentido em Chelas, na leitura de Young, depois, na Alemanha e na Inglaterra, mais vivamente sentido em Goethe, Burger, Ossian, Gray, Goldsmith, Lamartine [...]. A Bíblia, é bem sabido, constitui, nesta renovação do gosto, uma das fontes preferidas. É o mistério do seu exótico, a magnificência oriental do seu lirismo, a ressonância que, nas profundidades da alma cristã encontra o seu conteúdo de ideias, sentimentos e episódios" [96].

«Alcipe» expulsa em 1803 por Pina Manique, depois da busca efectuada em sua casa, cremos ter estabelecido a voluntariedade de uma liga anti-napoleónica. Os dramas da sua vida familiar não lhe tolheram a permanente e inquieta mobilidade de espírito e com as poesias de sua autoria, mas também com a leitura, imitação e tradução das poesias de Delille, de Metastásio, de Burger, de Goethe, de Wieland, de Young, de Ossian, de Goldsmith, de Gray, de Thomson, «Alcipe» foi procurando o esquecimento das misérias da vida.

Regressada em 1814 a Portugal, após a queda de Napoleão Bonaparte e, na posse da fortuna patrimonial familiar e do título de 4ª marquesa de Alorna, «Alcipe» mantinha acesa a chama dos seus salões como focos irradiadores do Romantismo.

Por volta de 1838, um ano antes da sua morte, quando «Alcipe» já contava com 88 anos de idade, o seu neto D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, 7º Marquês de Fronteira dizia: *"[...] sala de minha Avó, [...], ou a sua câmara, onde ela em geral recebia, era muito frequentada por pessoas de ambos os sexos, de muito espírito e graça, o que muito concorria para adoçar a triste posição de minha boa Avó, a quem os anos e trabalhos da sua longa vida tinham posto num grande abatimento, conquanto conservasse sempre aquele espírito distinto que fez a admiração dos seus contemporâneos. Ainda nessa época fazia versos, que foram impressos depois da sua morte e mereceram os aplausos dos poetas do tempo, e quadras picantes analisando a cómica situação política que nos dominava. Ali passávamos as horas mais agradáveis, tanto eu como minha mulher, indo a sua casa diariamente, não só para nos informarmos da saúde da ilustre parenta, mas para levarmos nossa filha completar a sua educação. A distância de Lisboa a Benfica era grande para os mestres e, por isso, iam a casa de minha Avó, onde nossa filha recebia as suas lições, o que muito interessava e distraía a Bisavó"* [97].

95 CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, p. 427.
96 CIDADE, Hernâni, "Prefácio", in *Marquesa de Alorna, Poesias*, pp. L e LI.
97 MASCARENHAS, D. José Trazimundo, *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto ditadas por ele próprio em 1861*, Parte VI (1834 a 1842), p. 263.

Fazendo menção a uma interessante e curiosa genealogia da visão do discurso historiográfico produzido acerca de «Alcipe», do seu génio e do seu legado poderemos elencar as seguintes contribuições:

- a primeira biografia que se conhece da «Alcipe» é a *Notícia Biográfica*; este texto foi redigido por duas das filhas da autora, Henriqueta e Francisca, que preocuparam-se em exaltar o vulto da mãe enquanto representante de um grupo social; dedicaram amplo espaço à sua genealogia e à de seu pai, enumeraram as distinções e honrarias que lhe foram sendo concedidas ao longo da sua vida pelo Papa, Reis e Príncipes, assinalando a injustiça do seu longo cativeiro no convento de Chelas; destacaram a sua vasta cultura e a sua força de ânimo que a qualificaram de *"varonil"* [98].
- A. A. Teixeira de Vasconcelos que em 1869, no capítulo que redigiu sobre «Alcipe» na sua obra *Glórias Portuguesas*, refere: *"entre as mulheres do século passado, e no que vai correndo, representam mais fielmente o sentimento e os costumes nacionais foi a principal D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna, a brilhante poetisa da velha monarquia, e a veneranda fidalga, honra da corte portuguesa nos primeiros anos da dinastia constitucional"* [99];
- se Olga Morais Sarmento, no livro que dedica à Marquesa de Alorna em 1907, se abstém, de um modo geral, de proferir juízos de valor [100], já Maria Amália Vaz de Carvalho, que foi a primeira mulher admitida na Academia das Ciências de Lisboa, apresentou nesta instituição, em 1912, um estudo sobre a «Alcipe», considerando que *"as duas qualidades predominantes desta inteligência de mulher são o vigor quase viril do pensamento experimentado, e a extrema cultura adquirida em longos anos de prisão"* [101]. Maria Amália Vaz de Carvalho destacou o carácter inédito de «Alcipe» na época do *"[...] Portugal asfixiante e meio bárbaro do tempo não tinha lugar que oferecesse a uma mulher escritora, a uma mulher de talento superior e de alto e desanuviado critério"* [102];
- o facto de «Alcipe» ser mulher parece condicionar a generalidade das apreciações que Teresa Leitão lhe dedicou num estudo biográfico, referiu-se-lhe

98 TOPA, Francisco, *A Musa Trovadora*.
99 VASCONCELOS, A. A. Teixeira, *Glórias Portuguesas*, p. 116.
100 SILVEIRA, Olga Morais Sarmento da, *Mulheres Ilustres*.
101 CARVALHO, Maria Amália Vaz de, "A Marquesa de Alorna. A Sociedade e a Literatura do seu Tempo", pp. 322 e 323.
102 CARVALHO, Maria Amália Vaz de, "A Marquesa de Alorna. A Sociedade e a Literatura do seu Tempo", p. 382.

por exemplo como uma *"mulher extraordinária que, pela sua decidida influência sobre tantos talentos másculos, conseguiu ser entre nós a inconfundível representante de «haute gamme» feminina dos salões"* [103]. Ao debruçar-se sobre a sua biografia, considerou-a "regrada por uma vontade forte e perfumada por uma graça frágil", afirmando mesmo que a sua vida teria sido, em sua opinião, *"a sua melhor obra"* [104]. Confrontada com a vastidão da obra literária de «Alcipe», não conseguiu deixar de ajuizá-la de acordo com a sua perspectiva do que deveriam ser a psicologia e o comportamento femininos, acabando por atribuir à autora uma *"febre de ostentação"*[105] e proferindo a indefectível sentença de que *"se alguma coisa explica a sua extrema fecundidade poética, é antes o estímulo nascido duma natural emulação ou duma pequenina e bem humana vaidade que, uma vez que ela se encontrava arvorada em suprema intelectual feminina, não lhe permitiu emudecer a tempo ou esperar que um motivo de inspiração sincera e emotiva tocasse a sua arte dum vincado e agradável cunho de espontaneidade"* [106];

– em 1933, Hernâni Cidade publicou um longo estudo sobre a biografia e a obra de «Alcipe», marcado pela mesma visão do papel da mulher na sociedade, como se depreende em realçar que a autora *"mesmo na sua obra literária soube ser filha, esposa, mãe, irmã – e isto com uma espontânea ternura que, longe de se moldar pela página lida, antes desborda sobre a página a escrever"* [107]. Ao debruçar-se sobre os textos de «Alcipe», Hernâni Cidade referiu-se neles à *"formosa e altiva silhueta em que a graça feminina se casa com aquela varonil energia que, evitando-lhe as deliquescên-*

5 – «Alcipe» e fac-símile da assinatura (gravura publicada em 1844)

103 BARROS, *Thereza Leitão de, Escritoras de Portugal*, p.45.
104 BARROS, *Thereza Leitão de, Escritoras de Portugal*, p.59.
105 BARROS, *Thereza Leitão de, Escritoras de Portugal*, p.61.
106 BARROS, *Thereza Leitão de, Escritoras de Portugal,* p.60.
107 CIDADE, Hernâni, *A Marquesa de Alorna. Sua vida e obras*, p. 52

cias sentimentais, lhe inspira um nobre amor da cultura, da liberdade, e o ódio másculo contra o despotismo de que foi vítima" [108] no que parece ser uma tentativa de aglutinar numa imagem única, características então consideradas como apanágio exclusivo de um ou outro sexo. Considera-a possuidora de uma *"Alma varonil, por hereditária constituição e pela têmpera que recebeu da vida"* [109].

Fontes

Arquivo Nacional Torre do Tombo, Arquivo Particular Casa Fronteira e Alorna referente ao Espólio da 4ª Marquesa de Alorna, *Tratado da Velhice*. Documento n.º 168.

Epístola "Francilia a Alcipe", in COSTA, Dom António da, *A Mulher em Portugal. Obra póstuma publicada em benefício de uma criança*, Lisboa, Tipografia da Companhia Nacional Editora, 1892, p. 242.

MASCARENHAS, D. José Trazimundo, *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto ditadas por ele próprio em 1861*, Parte VI (1834 a 1842), Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, s.d..

Referências Biliográficas

Obras de Referência

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (Direcção de), *História da Vida Privada. Tradução portuguesa com revisão científica de Armando Luís Carvalho Homem*, 5 vols., Porto, Afrontamento, 1989 a 1991.

AA. VV., *GRAN ENCICLOPEDIA RIALP*, 24 vols., Madrid, Ediciones Rialp, 1971 a 1982.

108 CIDADE, Hernâni, *A Marquesa de Alorna. Sua vida e obras,* p.77.
109 CIDADE, Hernâni, *A Marquesa de Alorna. Sua vida e obras,* p.79.

AA. VV., *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, 2 vols., Lisboa, Publicações Alfa, 1985.

AA. VV., *Encyclopedia of Women and Gender. Sex similarities and diferences and the impacto f society on Gender*, 2 vols., San Diego (California), Academic Press, 2001.

BARREIROS, António José, História da Literatura Portuguesa, 13.ª ed., vols.I e II, *séculos XII-XVIII e séculos XIX-XX*, s.l., Editora Pax, s.d. [1989] e [1992].

CHEVALLIER, Jean-Jacques, *História do Pensamento Político. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda e de Álvaro Cabral*, 3 tomos, Rio de Janeiro, Editora Guanabara e Zahar Editora, s.d..

CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, 7.ª ed., vols. 1 e 2, *(Séculos XV, XVI e XVII) e Da Reacção contra o Formalismo Seiscentista ao Advento do Romantismo*, Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

IDEM, *Portugal Histórico-Cultural*, Lisboa, Editorial Presença, 1985.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle (Direcção de), *História das Mulheres no Ocidente. Tradução e Revisão de Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota*, 5 vols., Porto, Edições Afrontamento, 1993 a 1995.

FRANÇA, José-Augusto (Programação e Introdução de), *Portugal Moderno. Artes & Letras*, Lisboa, Grafeline e POMO – Edições Portugal Moderno, 1991.

MOURRE, Michel, *Dicionário de História Universal. Tradução de G. Cascais Franco e Francisco Paiva Boléo*, 1ª ed., 3 vols., Porto, Edições Asa, 1998.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 17.ª ed., Porto, Porto Editora, 2001.

Estudos Específicos sobre História e Género

BOCK, Gisela, "História, História das Mulheres, História do Género", *Penélope. Fazer e Desfazer História*, n.º4, 1989.

IDEM and JAMES, Susan, (Edited by), *Beyond Equality and Difference. Citizenship, feminist politics and female subjectivity,* 1ª ed., London and New York, Routledge, 1992.

IDEM, *La Mujer en la Historia de Europe. De la Edad Media a nuestros días. Traducción castellana de Teófilo de Lozoya*, Barcelona, Editorial Crítica, 2001.

IDEM e COVA, Anne (sous la Direction de), *Écrire l'Histoire des Femmes en Europe du Sud XIXe-XXe siècles*, 1ª ed., Oeiras, Celta Editora, 2003.

BRAGA, Isabel Drumond, *Vivência no Feminino. Poder, Violência e Marginalidade nos séculos XV a XIX*, Lisboa, Tribuna da História, 2007.

CASNABET, Michèle Crampe-, "A mulher no pensamento filosófico do século XVIII", in DUBY, Georges e PERROT, Michelle (Direcção de), *História das Mulheres no Ocidente. Tradução e Revisão de Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota*, vol.3: Do Renascimento à Idade Moderna, Porto, Edições Afrontamento, s.d. [1994], pp. 369 a 407.

DANIEL, Fernanda, SIMÕES, Teresa e MONTEIRO, Rosa, "Representações Sociais do «Envelhecer no Masculino» e do «Envelhecer no Feminino»", in Revista *Ex aequo*, n.º 26, Vila Franca de Xira, 2012, pp. 13 a 26.

LOPES, Maria Antónia, *Mulheres, Espaço e Sociabilidade. A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

MAUIE, José, LAUWE, Paul-Henry Clombart, HUGNET, Michéle, PERROY, Elia et BISSERET, Noelle, *La femme dans la société. Son image et différents milieux sociaux*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1963.

OFFEN, Karen, *European Feminisms, 1700-1950. A Political History*, Stanford, California, Stanford University Press, s.d..

IDEM, *Les Féminismes en Europe (1700-1950). Une histoire politique. Traduit de l'anglais (américain) par Geniviève Knibiehler, Rennes*, Presses Universitaires de Rennes, [2012].

PEREIRA, Firmino, *O Porto d'outros tempos. Notas Históricas, Memórias, Recordações*, Porto, Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, 1914, https://archive.org/stream/oportodoutrostem00pere#page/86/mode/2up.

VIEIRA, Cristina C. e PERISTA, Heloísa, "Introdução. Para uma compreensão genderizada do processo de envelhecimento", Revista *Ex aequo*, n.º 26, Vila Franca de Xira, 2012, pp. 9 a 11.

Estudos Específicos sobre «Alcipe» e a sua época

ANASTÁCIO, Vanda, "Da História Literária e de alguns dos seus problemas", in *Brotéria*, Lisboa, vol. 157, 2003, pp. 45 a 58.

IDEM, «Mulheres varonis e interesses domésticos» (Reflexões acerca do discurso produzido pela História Literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX)», Cartographies. Mélanges offerts

à Maria Alzira Seixo, Lisboa, 2005, (ISSN 0870-1253), pp. 537-556, http://www.vanda-anastacio.at/articles/1_Mulheres.pdf.

IDEM (Organização), *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*, Lisboa, Edições Colibri, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2006.

IDEM, in http://www.publico.pt/culturaipsilon.

IDEM, *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*, Lisboa, Prefácio Editora, 2009.

IDEM e CASTRO, Inês de Ornellas (Coordenação de), *Géneros Literários. Continuidades e Rupturas da Antiguidade aos Nossos Dias*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, 2010.

ANDRADE, Maria Ivone de Ornelas de, "Alcipe tradutora de Lamennais", *Alcipe e as Luzes*, Lisboa, Edições Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, pp. 333 a 351.

BARROS, Thereza Leitão de, *Escritoras de Portugal. Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa*, vols.I e II, Lisboa, s.n., 1924.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de, "A Marquesa de Alorna. A Sociedade e a Literatura do seu Tempo", *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências*, Lisboa, Tipografia Academia das Ciências, 1919, pp. 313 a 459.

CASTRO, Aníbal Pinto de, PEREIRA, José Esteves, DELILLE, Maria Manuela e ALMEIDA, Teresa de Sousa de, *Alcipe e as Luzes*, Lisboa, Edições Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003.

CASTRO, Aníbal Pinto de, "Alcipe entre clássicos e românticos", *Alcipe e as Luzes*, Lisboa, Edições Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, pp. 383 a 402.

CIDADE, Hernâni, *A Marquesa de Alorna. Sua vida e obras. Reprodução de algumas cartas inéditas*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1933.

IDEM, "Prefácio", *Marquesa de Alorna, Poesias*. Selecção, prefácio e notas de Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, s.d. [1941], pp. IX a LI.

COSTA, Dom António da, *A Mulher em Portugal. Obra póstuma publicada em benefício de uma criança*, Lisboa, Tipografia da Companhia Nacional Editora, 1892.

COSTA, Sousa, *A Mulher no Amor, Beleza, na Arte, na Religião, na Política*, Lisboa, Edições Europa, 1938.

DELILLE, Maria Manuela Gouveia, "Alcipe e Madame de Stael: entre a admiração e a discordância", *Alcipe e as Luzes*, Lisboa, Edições Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, pp. 317 a 332.

EHRHARDT, Marion, "As relações germânicas da Marquesa de Alorna", CASTRO, Aníbal Pinto de, PEREIRA, José Esteves, DELILLE, Maria Manuela e

ALMEIDA, Teresa de Sousa de, *Alcipe e as Luzes*, Lisboa, Edições Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, pp. 251 a 262.

FLOR, João Almeida, "A Elegia de Gray por Alcipe reescrita", *Alcipe e as Luzes*, Lisboa, Edições Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, pp. 353 a 369.

LOUSADA, Maria Alexandre, *Espaços de Sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*. Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1995.

Mme. de Stael, *De la littérature*, Paris, Flammarion, 1991.

Marquesa de Alorna, *Poesias. Selecção, prefácio e notas de Hernâni Cidade*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, s.d. [1941].

PEREIRA, José Esteves, "Alcipe e a ideia de natureza no século XVIII", *Alcipe e as Luzes*, Lisboa, Edições Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, pp. 368 a 382.

PEREIRA, Maria Helena Rocha, "Alcipe e a lírica grega: o modelo de Safo", *Alcipe e as Luzes*, Lisboa, Edições Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, pp. 297 a 315.

SANTOS, Maria de Lurdes Lima dos, *Intelectuais Portugueses na Primeira metade de Oitocentos*, Lisboa, Editorial Presença, 1988.

SILVEIRA, Olga Morais Sarmento da, *Mulheres Ilustres. A Marquesa de Alorna (Sua influência na Sociedade portuguesa (1750-1839)*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1907.

SOUSA, Maria Leonor Machado de, EHRHARDT, Marion e PEREIRA, José Esteves (Coordenação de), *Alcipe e a sua época*, Lisboa, Edições Colibri e Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003.

TOPA, Francisco, *A Musa Trovadora*, Porto, Edição do Autor, 2000.

VASCONCELOS, A. A. Teixeira, *Glórias Portuguesas*, Lisboa, Tipografia Portuguesa, 1869.

VENTURA, António, "Introdução. *Cartas Familiares: o sedimento da Memória". Um olhar feminino sobre Portugal. D. Mariana de Sousa Holstein, condessa de Alva, cartas a sua irmã Teresa (1814-1819)*. Introdução e Notas de António Ventura, Lisboa, Livros Horizonte, 2006, pp. 9 a 47.

Caricatura de James Gillray (1756 – 1815), publicada em Londres por H. Humphrey, em 1796 (British Museum, Coleção de desenhos, div. 1, political and personal satires, v. 7, nº 8900). A falta de cortesia de diversos indivíduos, elegantemente vestidos, em Bond Street. No primeiro plano, cinco homens obrigam uma mulher e uma menina a caminhar fora do passeio, ocupando-o, enquanto as olham fixamente. As mulheres, vistas de trás, estão estranhamente vestidas. No fundo, três senhoras, também em figurinos exagerados, andando braço a braço na estrada.